

A REVOLUÇÃO CULTURAL NOS CAMPOS CHINESES

EDITORIA



VENTO
DE LESTE

Colecção AMIZADE PORTUGAL-CHINA — Nº 5

«Considero que a actual situação internacional se caracteriza pelo facto do vento leste prevalecer sobre o vento oeste.»

Mao Tsé-tung

Novembro de 1957

A REVOLUÇÃO CULTURAL NOS CAMPOS CHINESES

EDITORIA



VENTO
DE LESTE

COLECÇÃO AMIZADE PORTUGAL - CHINA N.º 5

INTODUÇÃO

I

Este livro, através do exemplo de duas comunas populares, mostra-nos como os camponeses chineses modificam a realidade pondo-a ao seu serviço, armados do marxismo-leninismo-maoismo. Desde os tempos ainda recentes, 25 anos atrás, em que os campos chineses eram dominados pela classe dos latifundiários e dos maus nobres que exploravam e oprimiam os camponeses com um sistema de relações ainda semi-feudal, até hoje, como não foi grande o caminho percorrido.

Desde que os camponeses se ergueram em armas e pegaram no destino com as suas próprias mãos, a realidade dos campos chineses começou a mudar. Toda e cada uma destas mudanças foi obtida à custa de duras lutas contra o inimigo de classe, sejam os latifundiários, os maus nobres e os camponeses ricos derrubados, sejam os defensores das suas ideias no seio do Partido, os defensores da linha negra.

Estes defendiam que a China, como país atrasado, devia basear os seus esforços na indústria e dentro desta na grande indústria moderna e complexa, desenvolvendo-a com a «ajuda» de outros países, que a colectivização da agricultura só poderia ser feita na base da sua mecanização, e que sem esta conseguida não se deveria passar à constituição de cooperativas e comunas, etc., por outras palavras, procuravam desenvolver e restaurar as relações de produção capitalistas nos campos, preservar a sua arte e cultura, o seu direito e ideologia e impedir que a China seguisse uma via autónoma de independência nacional. Sempre que os campos chineses deram um passo em frente na via do socialismo, isso foi resultado de uma dura luta entre as duas linhas e de uma derrota da linha burguesa; e sempre que os campos chineses vierem a dar novos passos em frente, para que isso possa ser feito, as massas camponesas precisarão de derrotar antes os defensores das concepções da burguesia que se opõem ao novo e procuram restaurar o velho. Enquanto houver classes isto continuará a ser assim, e mesmo depois continuará a existir o novo e o velho, e a luta entre os defensores de um e de outro.

II

Também os campos portugueses têm vindo a assistir nos últimos anos a uma profunda transformação, a uma profunda reforma de classe, que contudo é diametralmente oposta à que ocorre na China.

Nos campos o proletariado, o semi-proletariado (cerca de 600 000 trabalhadores em 1970) e o campesinato pobre (cerca de 330 000 trabalhadores) constitui de longe a esmagadora maioria da população, à qual se opõe um pequeno punhado de camponeses ricos, latifundiários e grandes agrários que mal chega aos 40 000 indivíduos (em 1970, cerca de 5%). Estes dois grandes agrupamentos de classes que se distinguem nos campos portugueses têm interesses diametralmente opostos e inconciliáveis, e o que é útil para um é mortal para o outro. Os camponeses ricos, latifundiários e grandes agrários buscam desesperadamente o alargamento das relações de produção capitalistas nos campos, com a respectiva forma de mecanização e aliança à grande indústria capitalista. Para conseguir isto já há muito tempo, mas com particular intensidade desde 1960, que procuram concretizar a sua reforma nos campos portugueses, é esta a via que têm a propor à grande massa do campesinato. Esta via pode-se resumir do seguinte modo: conseguir a ruína massiva do pequeno camponês, proletarizá-lo e lançá-lo ou para o grande exército do proletariado industrial, que tem justamente no campo a sua fonte de abastecimento, ou para as fileiras do proletariado agrícola, seja de uma forma completa, seja com uma solução intermédia (deixando-lhe uma pequena courela de terra que funciona como mais um factor de exploração); conseguir a formação de um exército de trabalhadores livres — proletários — nos campos; procurar a mecanização e «racionalização» capitalista das grandes propriedades e a sua ligação cada vez mais estreita ao capital financeiro. O que esta via

ofereceu à esmagadora maioria da população dos nossos campos (mais de 95 %) foi a ruína, o exílio, a expulsão das suas terras, o aumento da miséria e da exploração.

O êxodo de mais de 800 000 camponeses e respectivas famílias para fora de Portugal depois de 1960, a ruína total de mais umas centenas de milhar que foram engrossar o exército do proletariado industrial e agrícola, o aumento da exploração com o consequente agravamento das condições de vida dos camponeses, as tentativas de fomentar a mecanização e «racionalização» (planos de rega, crédito agrícola, formação de técnicos e agrónomos, etc.) das grandes propriedades capitalistas, mais não são do que a aplicação consciente desta gigantesca reforma agrária burguesa.

Depois do 25 de Abril este projecto da burguesia para os campos portugueses não sofreu alterações sensíveis, tendo simplesmente mudado o agente da sua aplicação, que deixou de ser a face fascista para passar a ser a face social-fascista. Os fascistas encontravam-se já demasiado isolados e desmascarados nos nossos campos para poderem conter a tempestade então clara, tendo pois a burguesia que realizar uma mudança táctica, de deixar durante algum tempo a demagogia substituir-se ao chicote.

É assim que vemos a clique social-fascista, não destruir o velho aparelho de repressão e exploração fascista nos campos, mas sim ocupá-lo às costas das massas, «expulsando» de lá os fascistas com luvas de veludo. Casas do Povo, governos civis, comissões liquidatárias, câmaras municipais, crédito agrícola, jun-

tas de freguesia, cooperativas, sindicatos camponeses, associações, etc., a tudo os social-fascistas procuraram deitar a mão. E para quê? Será que utilizaram esse aparelho, que não queriam destruir mas sim ocupar, para realizar uma reforma agrária popular, firmar a aliança operário-camponesa, esteio da frente única de todo o povo e avançar na revolução? Será que foi isto que foi feito nestes 19 meses?

A prática diz-nos que não! Tudo o que fizeram foi ocupar os lugares dos fascistas, procurando assim criar uma nova burguesia rural, para continuar a reforma agrária burguesa (ruína do pequeno produtor, «racionalização» e mecanização da exploração), para atacar e caluniar os camponeses, especialmente os do Norte, acusando-os de «estúpidos e reaccionários», embora procurando disfarçar isto com grandes frases sobre a «reforma agrária» e a «protecção ao pequeno agricultor». Fascismo nos actos, socialismo nas palavras, eis a sua prática! Nestes 19 meses a esmagadora maioria da população dos nossos campos em nada viu melhorar a sua sorte. A exploração do proletariado e do semi-proletariado agravou-se e aumentou, embora por vezes realizada por uma nova burguesia rural social-fascista, a ruína do pequeno camponês acelerou-se enormemente, e a muito prometida «ajuda», ou ficou nas palavras ou ainda veio agravar mais a sua situação; a tão falada reforma agrária não passa afinal de uma lei que transforme a terra a partir de 500 hectares (o que nos campos portugueses é já uma muito grande propriedade) da burguesia fascista para a burguesia social-fascista.

Perante isto que faz o povo camponês, a esmagadora maioria da população dos nossos campos?

Ele sabe que a reforma que a burguesia lhe propõe, seja com a face fascista ou social-fascista, não lhe interessa e que não é por ser explorado vendendo a cortiça e o vinho aos EUA ou à URSS, que a sua sorte melhora. Sabe-o agora claramente, embora depois do 25 de Abril ainda alimentasse algumas ilusões quando os social-fascistas do P«C»P lhe apareceram a falar em reforma agrária e socialismo. Sabe também que só erguendo-se e tomando o destino nas mãos, só ocupando as terras dos latifundiários e grandes agrários poderá avançar na realização da sua reforma, e começa lentamente a aperceber-se que só unindo-se estreitamente aos proletários das cidades e a todo o povo e colocando-se sob a direcção do partido da classe operária, será possível conquistar o Poder de Estado e criar um Estado seu, que o ajude a reprimir as classes exploradoras e a avançar na reforma agrária popular, será possível criar uma ditadura democrático-popular dos operários e camponeses. Esta via é a única alternativa que o proletariado tem a opor à reforma agrária fascista ou social-fascista, é a única forma de tomar o destino nas suas mãos, e a realidade torna-o cada vez mais consciente disso.

Já desde o 25 de Abril que a ofensiva camponesa, parte integrante da ofensiva mais geral do povo português, reveste a forma das ocupações das terras, em oposição a fascistas e a social-fascistas, que procuram deter e desviar este impetuoso movimento. Actualmente, já muitas dezenas de grandes propriedades

foram ocupadas pelos camponeses, e este movimento de reforma agrária popular tende a desenvolver-se impetuosamente. E é o desenvolvimento do seu movimento que faz com que os camponeses distingam os seus amigos dos seus inimigos, o que os leva a assaltar em massa as sedes do P«C»P, que aprenderam a conhecer nestes 19 meses como um partido traidor, e que faz com que comecem a compreender que ocupar as terras é importante, mas não basta: é preciso criar por toda a parte os órgãos da vontade popular nos campos — uniões ou associações de camponeses —, é preciso uni-los e centralizá-los, ligá-los aos órgãos da vontade popular dos operários e exercer o controlo sobre toda a produção, é preciso criar um exército ao serviço do povo e tomar o poder, e para que tudo isso seja feito é preciso ajudar a criar um Partido da classe operária, a classe mais avançada da nossa sociedade, e colocar-se sob a sua direcção.

Foi, é e será o desenvolvimento do amplo movimento camponês de Norte a Sul do país que ensinou, ensina e ensinará tudo isto ao povo camponês. O exemplo dos seus irmãos da China, cuja actual vida este livro descreve, é um incentivo e um farol que lhes prova que é possível construir uns campos sem exploração do homem pelo homem e lhes aponta a via para conseguir isso.

REPORTAGEM SOBRE TUNTIM

**UMA COMUNA POPULAR NAS MARGENS
DO LAGO TAIHU**

NOTA DO EDITOR

Em 1973 a Peking Review publicou uma série de artigos sob o título «Uma Visita à Comuna Popular de Tuntim», a qual foi favoravelmente acolhida pelos leitores. Nesta brochura ,apresenta-se, sob um novo título, essa série completa, revista e acrescida de algumas passagens redigidas pelo mesmo autor.

Nestas páginas encontra-se informação de base sobre a generalidade das comunas populares, nomeadamente sobre o seu modo de fundação e funções, as condições políticas e económicas, a situação da mulher, o progresso nos serviços de saúde e a melhoria das condições de vida dos comuneiros. Ao empreendermos esta publicação esperamos contribuir para que os nossos leitores compreendam melhor os principais aspectos da comuna popular chinesa.

I. COMO NASCEU A COMUNA

A Comuna Popular de Tuntim, no distrito de Vucien, província de Quiansu, encontra-se a sudoeste da famosa cidade de Sudjou. Formada em 1958, pela fusão de 20 cooperativas agrícolas de produção de tipo superior, na região das Colinas Orientais, a Comuna de Tuntim forma uma península nas margens do lago Taihu.

Situada numa zona de bela paisagem e terra fértil, a comuna conta 11 000 famílias, perfazendo um total de 45 000 habitantes. Há 30 brigadas de produção, reunindo um total de 237 equipas de produção, que se dedicam à lavoura ou a outras ocupações. Algumas especializam-se principalmente na produção de cereais, frutas ou chá, enquanto outras tomam a pesca e a sericicultura como ocupações principais. O chá Pilot-chuen, a nêspera branca e a tangerina de Tuntim são produtos muito famosos tanto no país como no estrangeiro.

RECORDAÇÕES DE UM PASSADO AMARGO

As colinas de Tuntim, terra de beleza e abundância, eram antes da Libertação um paraíso para os ricos, que aí construía as suas residências e viviam em grande luxo. A estalagem das Colinas Orientais está instalada numa dessas residências e apresenta ainda traços da dissipação dos antigos exploradores. Logo à entrada do edifício principal, vêem-se ilustrações de cenas históricas, cujo tema principal é o código de ética feudal, gravado em tijolos ou em madeira na torre fronteira, nas portas, caixilhos das janelas e beirais. À esquerda do edifício, encontra-se um esmerado jardim com pequenos lagos, pontes em ziguezague e colinas naturais ou artificiais. Cinquenta anos atrás, um certo senhor de terras gastou 3700 taéis de ouro, da fortuna que extorquirá ao povo local, para construir a sua «mansão esculpida», que levou três anos a construir. E ainda assim, não era o mais rico entre os pequenos nobres que habitavam aquela região antes da Libertação. Os mais ricos e mais famosos senhores de terras e nobres dessa região eram quatro outras famílias, e esse senhor de terras vinha em sexto lugar na lista dos mais ricos. Esses vampiros insaciáveis possuíam mais de 75 por cento das terras cultiváveis das Colinas Orientais. Tiranizando asperamente o povo durante toda a vida, nem sequer depois da morte renunciavam à posse do solo, pois os seus túmulos ocupavam 1800 *mu* de boa terra cultivável.

Nesses dias sombrios de antes da Libertação, os camponeses, além de pagarem rendas exorbitantes aos

senhores de terras, estavam também sujeitos a todos os tipos de exploração por parte dos comerciantes usuários. Por mais arduamente que trabalhassem durante todo o ano, mal podiam manter-se vivos. «Estão rubras as tangerinas nas ladeiras, mas as nossas mãos continuam vazias». «O arroz está maduro e dourado, mas nós vamos para a cama esfomeados». Era assim que os camponeses descreviam a sua miséria nesses dias sombrios. Das 427 famílias de camponeses da aldeia de Tutchiao antes da Libertação, 81 foram reduzidas à mendicância, 18 foram forçadas a vender os seus filhos e 92 viram-se obrigadas a trabalhar como assalariados agrícolas.

A COMUNA POPULAR É UMA COISA BOA

A Libertação trouxe enormes mudanças às Colinas Orientais, depois que se realizou a reforma agrária e se formaram os grupos de ajuda mútua e as cooperativas agrícolas de produção. Nos três anos que se seguiram ao estabelecimento das cooperativas de tipo superior, o rendimento total de frutos, chá, peixe, casulos de bicho-da-seda e cereais, aumentou entre 47 e 90 por cento em comparação com o período das cooperativas agrícolas de produção de tipo inferior.* Estes

* Trata-se das cooperativas agrícolas de produção semi-socialistas que se formaram a partir de 1951. Os membros das cooperativas constituíam associações em que participavam com as suas terras e os principais meios de produção. Além da remuneração pelo trabalho,

primeiros sucessos insuflaram aos quadros e camponeses um maior entusiasmo para seguir a via socialista e aumentar a produção agrícola. Contudo, como verificaram que as cooperativas de tipo superior eram ainda de dimensões demasiado pequenas e apresentavam limitações no domínio da mão-de-obra e dos fundos, sentiram necessidade de se organizarem rapidamente em unidades mais vastas.

Antes da existência das comunas populares, muitas cooperativas de tipo superior ajudavam-se mutuamente para ultrapassar as dificuldades que não podiam resolver sozinhas. Por exemplo, a Cooperativa N.º 2 de Honcuan, que tinha falta de mão-de-obra, regenerou 1500 *mu* de terras pobres no declive da montanha, com a ajuda de 800 membros das cinco cooperativas vizinhas. Um outro exemplo é o da Cooperativa de Sinmin, que recebeu a ajuda de duas outras cooperativas que lhe concederam um empréstimo para comprar uma máquina diesel de 30 H.P. de que muito necessitava. Estes e outros exemplos abriram os olhos

recebiam uma certa soma em compensação pela terra e pelos outros meios de produção, com que tinham participado.

Em 1956, as cooperativas agrícolas de produção de tipo superior, de natureza socialista, começaram a tomar forma em todo o país. Os membros da cooperativa trabalhavam juntos e eram pagos segundo o princípio «de cada um segundo a sua capacidade, a cada um segundo o seu trabalho». Toda a terra e os principais meios de produção passaram a ser propriedade colectiva e já não davam direito a compensação.

dos quadros e camponeses. Chegaram à conclusão de que mais gente significa maior força e de que as cooperativas maiores são mais eficazes do que as mais pequenas.

Desde o Inverno de 1957 até ao Verão de 1958, os trabalhos básicos de construção agrícola, centrados à volta dos projectos de preservação das águas, atingiram um nível sem precedentes nas zonas rurais da China. Isto exigia muito mais mão-de-obra e recursos materiais. Através da sua própria experiência, os camponeses foram-se tornando cada vez mais conscientes de que as cooperativas do tipo das que possuíam já não correspondiam às necessidades de uma maior expansão da produção e deviam ser ampliadas. Em alguns lugares, o povo admitia a possibilidade de fundir as suas cooperativas numa unidade de dimensões equivalentes à duma circunscrição* e integrá-la na administração da circunscrição. Na Primavera de 1958, quatro cooperativas nas Colinas Orientais fundiram-se pela sua própria iniciativa. Mais tarde, outras 13 seguiram-lhes o exemplo e a mesma tendência se manifestava noutras regiões do país. O Presidente Mao resumiu brevemente esta experiência e a criação das massas, ao assinalar: **«A Comuna Popular é uma coisa boa»**.

A 29 de Agosto de 1958, o Comité Central do Partido Comunista da China adoptou a «Resolução sobre o

* Unidade administrativa inferior ao distrito, antes da fundação das comunas populares.

Estabelecimento das Comunas Populares nas Regiões Rurais». Esta resolução salientava: «As comunas populares são o resultado lógico da marcha dos acontecimentos. Vastas e incluindo múltiplos aspectos, não só apareceram como também já se difundiram amplamente em diversos lugares. Estão-se a desenvolver muito rapidamente em certas regiões e é altamente provável que dentro em breve haja um levantamento para estabelecer as comunas populares em todo o país. Esta tendência é irresistível».

Respondendo imediatamente ao apelo do Comité Central do Partido e do Presidente Mao, os camponeses de duas grandes e três pequenas cooperativas da região das Colinas Orientais, solicitaram urgentemente a criação duma comuna popular. Dentro do prazo de três dias, cerca de 8000 famílias, totalizando mais de 30 000 pessoas, candidataram-se a membros, e, a 21 de Setembro de 1958, a Comuna Popular de Tuntim passou a existir.

APÓS A FUNDAÇÃO

Precisamente como o Presidente Mao salientara, a comuna popular caracteriza-se por ser «grande e pública». «Grande» significa que é maior do que a cooperativa de tipo superior. Com mais terra, mais gente e mais fundos, pode usar a mão-de-obra e os meios de produção de modo mais racional. «Pública» significa que a comuna leva a colectivização da propriedade a um grau mais elevado do que a cooperativa de tipo superior.

Toda a região de Tuntim mudou muito desde que a comuna foi estabelecida. Nas encostas que se estendem em direcção este-oeste sobre vinte quilómetros ao longo da margem do lago, a paisagem é dominada pelas múltiplas fileiras de campos em terraços com densos pomares de tangerineiras. A base da colina é uma cena encantadora de arrozais e viveiros de peixes. Em 1973, a comuna teve de novo bons rendimentos dos seus produtos principais: arroz, trigo, sementes de colza, frutas, chá, casulos de bicho-da-seda, porcos, carneiros e produtos aquáticos.

A recuperação de pântanos de juncos proporcionou um aumento de terras cultiváveis. Em 1958, quando a comuna foi fundada, dispunha-se apenas de 8000 *mu* para cada um dos ramos principais — pomares, plantações de amoreiras, viveiros de peixes e arrozais. Todos agora dispõem de superfícies mais vastas.

Os 980 *mu* de plantações de tangerineiras da comuna produziram, em 1958, um milhão de quilos de frutos. A superfície agora dobrou e o rendimento anual aumentou quatro vezes e meia. Desde 1964, os comunistas da Brigada de Produção de Sinmin consagraram 43 000 dias de trabalho à construção de campos em terraços com fundamentos de pedra, onde as tangerineiras crescem bem.

Desde o estabelecimento da comuna, a utilização da terra tem sido ajustada de modo racional entre as equipas de produção. Um exemplo típico era a Brigada de Produção de Tchienquo, cujos viveiros de peixes estavam espalhados ao longo de 16 correntes. Alguns distavam cinco ou seis quilómetros, o que tornava

muito difícil a sua supervisão. Agora, nenhum dos viveiros da Brigada de Tchienquo se encontra a mais de dois ou três quilómetros, o que muito facilita o trabalho. Este ajustamento agrada aos membros e tem como resultado um muito melhor rendimento.

Ao longo dos últimos quinze anos, a prática demonstrou amplamente que a comuna popular é mais forte do que a cooperativa de tipo superior para combater as calamidades naturais e assegurar a produção. Nas margens do lago Taihu, havia 7000 *mu* de viveiros de peixes, cerca de 3000 *mu* de plantações de amoreiras e 2500 *mu* de terras cultiváveis, e cada subida do nível das águas constituía um perigo para os viveiros. Em 1954, as inundações levaram todos os peixes e causaram outros prejuízos. Para solucionar este problema, a comuna organizou os esforços colectivos das brigadas e equipas de produção, fazendo cercar os viveiros, plantações de amoreiras e campos de culturas de 5800 metros de diques e comportas. Durante o Inverno e Primavera de 1946-65, consagraram a estas obras 350 000 dias de trabalho.

Em Março de 1970, abateu-se sobre a região das Colinas Orientais um nevão de Primavera excepcionalmente pesado que estragou e quebrou os ramos de mais de 30 000 tangerineiras e outras árvores frutíferas. Mas, sob a direcção unificada da comuna, a mão-de-obra e os recursos materiais foram concentrados para pôr ligaduras nos galhos partidos e, com cuidados meticulosos e persistentes, obteve-se nesse ano uma boa colheita de frutos. Segundo contam os camponeses mais velhos, em 1924 houvera um nevão mais leve

que o de 1970, o qual, contudo, provocou grandes calamidades na região, destruindo 200 *mu* de pomares de tangerineiras e causando graves prejuízos aos cultivadores. O contraste entusiasmou muito os camponeses e aumentou a sua confiança na comuna popular como uma colectividade mais vasta. «As comunas populares são realmente muito boas!» dizem eles.

Mais gente, mais fundos e outros recursos permitiram à comuna aumentar a produção a um ritmo mais rápido. O rendimento total da comuna é quase o dobro do que era no tempo das cooperativas de tipo superior, e as brigadas de produção têm podido comprar instrumentos e maquinaria agrícola de grande e média dimensões. Agora, a comuna possui 281 motores de combustão interna para bombas de irrigação, 21 moinhos de cereais ou de forragem, 299 debulhadoras motorizadas, 24 tractores e 1200 pulverizadores de vários tipos. Progride a mecanização dos processos de cultura, enquanto que na irrigação, debulha e conservação de alimentos e forragens já se realizou a mecanização ou semi-mecanização. Aumenta o número de pequenas fábricas e outras empresas dirigidas pela comuna.

O aumento da produção é acompanhado de uma constante elevação do nível de vida dos comuneiros. Antes da Libertação, o rendimento anual médio *per-capita* era, nesta região, de 36 *yuan*. No período da cooperativa de tipo superior, essa média subiu para 80 *yuan* e, em 1973, saltou para 133 *yuan* (não incluindo o rendimento das ocupações secundárias de cada família).

Nos velhos tempos, havia muito poucas escolas

primárias e uma só escola secundária; os camponeses, demasiado pobres, não podiam dar-se ao luxo de mandar os filhos à escola. Hoje, a comuna tem oito escolas secundárias e 36 primárias. Cada aldeia tem a sua escola primária. Têm-se formado grupos de investigação científica com a participação de quadros, velhos camponeses e jovens técnicos agrícolas.

Tem-se feito também notável progresso nos serviços de saúde. A adopção das cooperativas médicas trouxe os cuidados da medicina à população rural.

Ao pensarem nas dificuldades que suportaram sob o sistema económico da pequena propriedade e nos sucessos que alcançaram ao apoiar-se nos esforços colectivos, os comuneiros dizem com orgulho: «Já não somos como pardais pulando por aí, agora somos como águias que voam».

II. FUSÃO DO PODER AO ESCALÃO DE BASE COM A GESTÃO ECONÓMICA

A comuna popular é uma estrutura social que funde o poder ao escalão de base com a gestão económica. É, ao mesmo tempo, uma organização económica de base e uma unidade do poder de Estado implantada a nível das massas nas regiões rurais socialistas da China.

Antes da fundação da comuna popular, o conselho popular de circunscrição era a unidade de base do poder de Estado socialista nas áreas rurais, enquanto que as cooperativas agrícolas de produção de tipo superior eram as organizações económicas de base — existia uma separação entre o poder administrativo e a direcção económica que competiam, respectivamente, ao conselho de circunscrição e às cooperativas. A comuna, tal como se formou em 1958, era na realidade a fusão de várias cooperativas de tipo superior dentro dos limites da circunscrição. Encontrava-se sob a direcção imediata do distrito e, por sua vez, dirigia as brigadas e as equipas de produção.

A comuna popular exerce o poder de Estado e organiza a sua própria actividade económica, nos domínios da produção, distribuição e consumo. Frequentemente, este sistema é chamado «fusão do poder ao escalão de base com a gestão económica», ou então «unidade de cinco em um», que administra a indústria, a agricultura, o comércio, a educação e as questões militares.

O órgão dirigente da Comuna Popular de Tuntim, o seu comité revolucionário, é composto de 36 membros, sete dos quais são mulheres. Todos os membros do comité são eleitos pelos camponeses e a maior parte continua a participar no trabalho agrícola. Dirigidos pelo comité do Partido da comuna, exercem a direcção colectivamente, embora cada um tenha uma missão especial na direcção de um dos cinco ramos de actividade acima mencionados. A comuna ajuda as brigadas e as equipas a elaborar os seus planos de produção, e supervisiona e verifica a sua execução. Também as ajuda a melhorar o trabalho administrativo e financeiro e a distribuição dos rendimentos, e difunde entre elas experiências e métodos avançados para aumentar a produção.

Antes da fundação da comuna, não existiam fábricas nem oficinas. Depois de 1958, a comuna, com as suas maiores dimensões e maior força, construiu mais de dez, uma após outra. Estabelecidas para servir a agricultura, são de grande utilidade para o desenvolvimento da produção agrícola. Os trituradores de forragens, por exemplo, têm facilitado a criação de porcos, enquanto que a fábrica de conservas de frutos não só aumenta os rendimentos das equipas de pro-

dução mas também acumula mais fundos para a comuna. Os frutos que costumavam apodrecer na época das colheitas porque não podiam ser transportados para outros lugares com a rapidez necessária, são agora tratados imediatamente nessa fábrica, e as perdas evitadas.

Antes do estabelecimento da comuna verificava-se uma certa desarticulação entre o comércio e a agricultura. Agora, com a direcção unificada da comuna, o comércio está mais estreitamente ajustado à produção agrícola e às outras necessidades locais. Baseando-se no plano geral de produção da comuna, os organismos comerciais calculam e fornecem as quantidades de fertilizantes químicos, insecticidas, instrumentos agrícolas e outros artigos de que necessitam as brigadas e as equipas. Também em conformidade com o plano, compram no momento oportuno os produtos da agricultura ou das ocupações secundárias e arranjam mercados adequados para eles. Os seus serviços de abastecimento e de mercado ajudam bastante a aumentar a produção.

Os organismos comerciais tomam frequentemente a iniciativa de ajudar a comuna a expandir a produção. Para se ajustar ao aumento de procura de madeira, propuseram-lhe que plantasse mais árvores. A comuna decidiu posteriormente acrescentar 400 *mu* de bambu e 1000 *mu* de cedros e paulónias ao seu plano de 1973. A tarefa foi dividida pelas brigadas de produção, de acordo com as condições locais, e os rebentos foram fornecidos a tempo pelos organismos comerciais.

Em 1973, após uma outra boa colheita, as equipas de

produção retiraram do banco 1 600 000 *yuan* para distribuir pelos membros. Baseando-se na experiência passada, o banco calculou que metade desta soma seria de novo depositada a título de economias individuais, 300 000 *yuan* ficariam nas mãos dos comuneiros e o resto seria gasto. Os organismos comerciais trataram imediatamente de se informar das necessidades dos comuneiros e, por intermédio do departamento comercial do distrito, encomendaram mercadorias de Xangai, Sudjou e outras cidades. Todos os anos, depois da colheita de Outono, a direcção da comuna examina cuidadosamente com os serviços financeiros e comerciais o problema do abastecimento, pois ele tem uma directa influência na vida do povo.

Após o estabelecimento da comuna, as escolas foram colocadas sob a dupla direcção do serviço distrital de cultura e educação e da comuna. Assim, à luz da política governamental e das condições concretas e necessidades locais, a comuna encontra-se em condições de dirigir planificadamente as questões de educação, reajustar a distribuição das escolas, formar professores e melhorar a qualidade do ensino. Anteriormente, a conexão entre os departamentos de cultura e educação e as unidades de produção quase não existia; agora a Comuna de Tuntim estabeleceu a educação para todas as crianças em idade escolar; e, para desenvolver o seu amor pelo trabalho, também lhes atribui algumas tarefas agrícolas nos períodos de maior actividade, segundo a sua idade e capacidade. Assim, o índice de escolaridade atingiu rapidamente cem por cento. No passado, todos os profes-

sores eram designados pelo distrito, mas, desde a fundação da comuna, o número de escolas aumentou e o número de professores, de que dispõe o distrito, tornou-se insuficiente. Assim, a comuna decidiu formar professores recrutados entre os seus membros jovens. Os comuneiros originários das camadas de camponeses pobres e camponeses médios da camada inferior também são convidados a dar aulas e a participar directamente na direcção das escolas.

Todas as brigadas e equipas de produção têm organizações de milícias. Estas, que nunca se desligam das actividades produtivas, fazem exercício regularmente e serviço de sentinela diário — indispensáveis à defesa da ditadura do proletariado e dos frutos do trabalho colectivo. As milícias apresentam-se sempre voluntárias para qualquer tarefa difícil, como uma força de choque no trabalho produtivo.

Este breve resumo demonstra que a fusão do poder ao escalão de base com a gestão económica tem como resultado uma estreita coordenação de todas as actividades da comuna e favorece a edificação das novas zonas rurais socialistas.

III. O SISTEMA DE PROPRIEDADE A TRÊS NÍVEIS — A COMUNA, A BRIGADA DE PRODUÇÃO E A EQUIPA DE PRODUÇÃO

O sistema de propriedade colectiva nas comunas populares da China funciona, na etapa actual, a três níveis — a comuna, a brigada de produção e a equipa de produção. A propriedade dos meios de produção, incluindo as terras cultiváveis, as zonas florestais, os recursos hidráulicos, as máquinas e instrumentos agrícolas, os animais de tiro, as pequenas fábricas e minas, é dividida entre estes três níveis. A posse pela comuna ou pela brigada de produção ainda não é a forma de base; é a equipa de produção que exerce a propriedade de base. Isto também se verifica na Comuna Popular de Tuntim.

A COMUNA

A principal função da comuna, no que diz respeito à produção, é ajudar as brigadas e equipas de produção a desenvolver a agricultura, a silvicultura, a criação de

gado, as ocupações secundárias e a pesca. Os meios de produção possuídos pela comuna limitam-se geralmente às empresas e serviços que as brigadas e equipas de produção não se encontram em condições de gerir ou cuja administração se revela mais conveniente pela comuna.

Em Tuntim, isso inclui uma oficina de reparação de maquinaria agrícola, um viveiro de rebentos de árvores, uma incubadora de ovos de peixe, uma fábrica de conservas de fruta, várias oficinas de trituração de forragens, um forno de olaria e cerâmica, vários postos de irrigação, bem como diversas pequenas pedreiras produzindo granito, caulino e areia. A maior parte destas unidades encontra-se directamente ao serviço da produção agrícola e da vida quotidiana dos habitantes da comuna; as outras fornecem matérias-primas para as indústrias que são propriedade do Estado. No seu conjunto, estas pequenas unidades de produção desempenham um importante papel na consolidação e desenvolvimento da economia colectiva socialista das zonas rurais.

A fábrica de conserva de frutos veio resolver o problema do apodrecimento dos frutos, que se punha às equipas de produção sempre que havia atrasos na distribuição ao mercado. Em 1971, por exemplo, três dias e três noites de grandes chuvas suspenderam as expedições de nêspas. A fábrica cristalizou-as, evitando a mínima perda. Em 1972, houve uma colheita de medronhos excepcionalmente boa. Embora as equipas tenham feito o máximo por expedir rapidamente a colheita, encontraram-se ainda com 25 000 kg nos

braços. A fábrica conservou-os rapidamente, evitando que se perdessem.

Partindo praticamente do nada, em várias pequenas salas, nos primeiros tempos, a fábrica nem tinha capitais. Começou por conservar os frutos que lhe enviavam as equipas de produção, só lhes pagando depois de vender os produtos. Assim, gradualmente, foi acumulando fundos para se desenvolver e comprar mais equipamento. Agora, com uma capacidade anual de conservação de 750 000 kg de fruta, embora o seu equipamento seja ainda rudimentar, já contribuiu, em fins de 1973, com 300 000 *yuan* para os cofres da comuna.

Os lucros das empresas dirigidas pela comuna são empregados principalmente para expandir a produção. Em 1958, quando a comuna foi criada, só existia esta fábrica de conserva de fruta. Em 1966, antes do começo da Grande Revolução Cultural Proletária, acrescentou-se uma incubadora de ovos de peixe e uma oficina de reparação de maquinaria agrícola. Com os lucros destas três empresas, mais tarde a comuna pôde estabelecer doze outras. Os quinze estabelecimentos, que ocupam um total de 500 pessoas, desempenham um papel indispensável na promoção da economia da comuna, a três níveis.

A BRIGADA DE PRODUÇÃO

A brigada de produção, que funciona sob a direcção da comuna, dirige as suas equipas no domínio da

produção e da administração. A brigada participa na preparação dos planos de produção das equipas, e dirige, verifica e supervisiona o seu trabalho de produção, distribuição dos rendimentos e finanças. Ajuda a melhorar a gestão, empreende e dirige os trabalhos hidráulicos e outros projectos de construção agrícola de base à escala da brigada, e, quando necessário, organiza empreendimentos comuns entre as equipas.

A brigada de produção também administra empresas ou empreendimentos que ultrapassem as capacidades das equipas de produção, ou cuja gestão pela brigada se apresenta mais conveniente. Tomemos a Brigada de Tchencuan, por exemplo. Tem uma oficina de trituração de forragens, uma oficina de instrumentos agrícolas e um estaleiro de reparação de barcos, que são mais pequenos que as empresas dirigidas pela comuna. Tudo isto, mais quatro tractores e uma bomba de água estão ao serviço das suas oito equipas de produção.

A brigada também cuida dos seus próprios problemas nos domínios das questões civis, milícia, segurança pública, actividades culturais, educação e saúde pública. Ajuda as equipas a pôr em prática a política e os princípios do Partido. Em 1972, enquanto a comuna propunha à Brigada de Tchencuan que plantasse 30 *mu* de melancias, os planos propostos pelas equipas de produção apresentavam o projecto de plantar o dobro dessa superfície. Sem dúvida que encontravam a cultura de melancias mais lucrativa. Mas, isso resultaria necessariamente numa redução da área atribuída aos cereais. Para resolver esse problema, a brigada con-

vocou uma reunião de quadros das equipas para estudar a política do Partido de «tomar a produção de cereais como factor principal, enquanto se assegura o desenvolvimento de todos os outros ramos de produção». Como consequência desse estudo, as equipas reduziram voluntariamente as superfícies dos seus campos de melancias. Isto mostra como a brigada de produção dirige as equipas por meio do estudo político ou da educação pelo exemplo, em vez de se basear em ordens administrativas.

A EQUIPA DE PRODUÇÃO — UNIDADE DE CONTABILIDADE DE BASE

No actual estágio de desenvolvimento, a propriedade ao nível da equipa de produção é a propriedade de base. Dentro da sua área, a equipa dispõe de toda a terra, todos os recursos hidráulicos e florestais, com excepção dos que dependem directamente do Estado, bem como dos animais de tiro, instrumentos agrícolas, pequena maquinaria agrícola e mão-de-obra. Nem a comuna nem a brigada de produção podem utilizá-los sem indemnização.

Na fase actual, os comuneiros têm pequenas parcelas para uso privado e podem consagrar-se a algumas ocupações secundárias a nível familiar. Os seus salários, contas bancárias, casas e outros meios de vida são propriedade privada e protegidos pelo Estado.

A equipa de produção é a unidade de contabilidade de base no interior da comuna. Isso significa que ela

organiza a produção e a distribuição dos rendimentos, gere a sua própria contabilidade e é responsável pelos seus ganhos e perdas. Com a evolução gradual das condições, a actual propriedade de base a nível da equipa passará a nível de brigada e mais tarde a nível de comuna, a qual passará ainda a propriedade do Estado socialista. Mas isso exigirá um processo muito longo e gradual.

Apresentamos, nas linhas que seguem, uma descrição do funcionamento da Equipa de Produção N.º 8 da Brigada de Tchencuan para permitir aos leitores que compreendam, pelos factos, como é que «a equipa de produção é a unidade de contabilidade de base».

A Equipa N.º 8 de Tchencuan é dirigida por um comité de nove membros, incluindo o chefe de equipa, o vice-chefe e sete membros. Dirigem colectivamente a equipa, e dividem entre si as responsabilidades quanto ao trabalho político e ideológico, produção, finanças e contabilidade, trabalho feminino, milícia e outras tarefas. Os dirigentes da equipa e outros membros do comité são eleitos pelos membros da equipa através de um processo democrático. Todos participam no trabalho agrícola.

A parte do país que se encontra ao sul do rio Yangtsé sulcada por numerosos cursos de água, é conhecida pela sua grande densidade de população, e a Equipa de Produção N.º 8 não é excepção à regra. Com 161 pessoas pertencendo a 46 famílias, a equipa possui apenas 119 *mu* de arrozais, metade dos quais são margens do lago, recuperadas depois da criação da comuna. Isso dá uma média de menos de um *mu*

(1/15 de hectare) por pessoa. Há uma plantação de amoreiras e um viveiro de peixes de 20 *mu* cada um, uma estufa para cultivo de cogumelos, um viveiro de galinhas e vários chiqueiros. Desde a fundação da comuna, a equipa acumulou fundos suficientes para comprar um motocultor, um motor eléctrico, e um triturador de forragens verdes, duas debulhadoras de cereais, um barco feito de cimento, e várias centenas de pequenos instrumentos agrícolas. Tudo isso pertence à equipa, que detém o direito exclusivo de os utilizar. Em caso algum a terra pode ser arrendada, comprada ou vendida.

De modo geral, a equipa de produção não tem um escritório regular, e os quadros realizam as suas tarefas tanto nos campos como em casa. O chefe da equipa conhece perfeitamente as condições da sua equipa. Por exemplo, a terra da Equipa N.º 8 está dividida em 82 parcelas. O chefe da equipa conhece-as de cor; pode dizer, sem hesitação, o que está plantado em cada parcela e como é a terra em cada uma. O plano de produção de equipa é elaborado da seguinte maneira: em primeiro lugar, as autoridades do distrito atribuem tarefas às comunas, tendo em consideração a sua extensão de terra, população e capacidade produtiva. As comunas preparam então planos de produção experimentais e enviam-nos às brigadas que, por sua vez, submetem as suas propostas às equipas de produção. À luz do plano geral do Estado e das necessidades dos seus membros, a equipa elabora um plano de produção que é submetido a aprovação numa reunião geral dos membros da comuna.

Esboçar um plano de produção não é tarefa fácil. Frequentemente, as opiniões divergem. Nos últimos anos, nesta equipa, tem-se feito uma colheita de trigo e duas de arroz, por ano, em vez de uma de cada como era costume. Quando alguns membros da equipa propuseram, pela primeira vez, que se seguisse o exemplo das equipas e comunas avançadas e se fizessem duas plantações de arroz por ano, levantou-se uma disputa. Muitos membros estavam a favor da nova ideia, mas, um punhado de outros, com ideias conservadoras, mostravam relutância, com medo de fracassar. O comité da equipa organizou o estudo e a discussão a nível geral, e os poucos elementos que discordavam começaram a ver a importância de aumentar o rendimento de cereais. Foi então aceite por unanimidade que se passasse à dupla colheita de arroz e se fizesse, em conformidade com essa decisão, um plano realizável. Nos últimos dez anos, o rendimento em cereais aumentou continuamente, e o excedente de cereais vendido ao Estado subiu de 2 000 kg em 1962 para 30 000 kg em 1973.

Enquanto a equipa obtinha um rendimento de grão mais elevado, a produção das ocupações secundárias baixava. Por consequência, os rendimentos dos membros permaneciam mais ou menos ao mesmo nível. Em 1971, quando o plano de produção da equipa se estava a discutir levantaram o problema. De acordo com as suas opiniões, decidiu-se aumentar a criação de bichos-da-seda e porcos, e desenvolver outras ocupações secundárias como criação de galinhas e patos, produção de cogumelos e cultura de pérolas

utilizando os mariscos do lodo. Como consequência, o rendimento das ocupações secundárias foi, em 1973, 67 % mais elevado do que em 1972. Actualmente, a área que a equipa consagra à cultura de cogumelos passou de 700 para 1400 metros quadrados, e o número de galinhas aumentou de 300 para 1000. O aumento das produções subsidiárias forneceu ao mercado maior quantidade de artigos e, ao mesmo tempo, aumentou os rendimentos dos membros da equipa.

Eis uma declaração de receitas e despesas da Equipa N.º 8, para o ano de 1973 (em *yuan*):

Receita total	50 167
---------------	--------

Da venda de cereais, oleaginosas e produtos subsidiários tais como porcos, galinhas, peixe e casulos de bicho-da-seda.

Despesa total	25 603
---------------	--------

Em compra de sementes, fertilizantes, insecticidas e forragens, aluguer dos serviços de tractores, despesas de gestão e taxa agrícola.

Rendimento líquido (48,7 por cento do rendimento bruto anual)	24 564
---	--------

Devido à política do Governo Popular, que visa a estabilização e o não-aumento da taxa agrícola quando a produção aumenta, a proporção entre a taxa e a receita total da equipa de produção diminui progressivamente. Em 1971, por exemplo, a taxa agrícola, para a Equipa N.º 8, correspondeu a 2,6 por cento do rendimento bruto. Em 1973, baixou para 1,68, porque

tanto a produção de cereais como a de produtos subsidiários aumentaram.

A distribuição é feita segundo o princípio socialista «de cada um segundo a sua capacidade, a cada um segundo o seu trabalho», e, «mais trabalho, maior salário». Os que participam no trabalho colectivo são pagos de acordo com o número de pontos-trabalho merecidos, e essa atribuição baseia-se na quantidade e na qualidade do trabalho fornecido. O valor de cada ponto-trabalho é fixado pela equipa tendo em vista o nível de produção do ano em curso. O número de pontos-trabalho obtidos pelos diferentes membros da equipa variam e o quinhão de cada um na distribuição anual varia na mesma proporção.

O plano da equipa de produção para distribuição dos rendimentos no fim de cada ano, só é finalizado depois de discutido numa reunião geral de membros da comuna. Isto é um aspecto da democracia nas questões económicas. Nessa reunião, o chefe da equipa apresenta o rendimento, as despesas e o balanço do ano, e reafirma a política do Estado no que respeita à distribuição dos rendimentos, a qual toma em consideração os interesses do Estado, da colectividade e dos indivíduos e foi definida com o fim de permitir aos camponeses que aumentem as suas receitas em cada ano normal, com base no aumento da produção. O plano de distribuição é então submetido aos membros para discussão.

Depois de se retirar uma pequena parte do rendimento líquido para a acumulação pública, o que resta é dividido entre os membros da equipa de acordo

com o princípio «a cada um segundo o seu trabalho, e, mais trabalho, maior salário».

A acumulação pública consiste num fundo de reserva público e num fundo de bem-estar público. O primeiro é destinado à expansão da produção. O último é utilizado na segurança social e em serviços de bem-estar colectivo como creches, cantinas para os períodos de grande trabalho, reembolso parcial das despesas médicas dos membros das cooperativas médicas e subsídios para os velhos e diminuídos físicos que não podem fazer trabalho físico e não têm família que se ocupe deles.

Baseando-se no plano elaborado em discussão na reunião geral, o contabilista da equipa calcula a parte do rendimento que cabe a cada família ou indivíduo, segundo o número de pontos-trabalho do ano inteiro. A média da Equipa N.º 8, em 1973, foi de 124 *yuan* por pessoa. Isto não é um rendimento elevado, mas uma família camponesa tem poucas despesas, além dos cereais e das roupas. Os camponeses abastecem-se a si próprios em vegetais, carne e ovos, pelo trabalho nas suas parcelas privadas e ocupações secundárias a nível familiar e geralmente vivem nas suas próprias casas. Assim, depois de deduzirem das suas partes as despesas em cereais e lenha para o fogo, ainda lhes fica alguma coisa para comprar mobiliário e objectos de uso diário.

IV. ECONOMIA DIVERSIFICADA

A Comuna Popular de Tuntim é teatro duma prosperidade crescente. Os seus membros apoiaram-se nas forças colectivas para construir terraços e reflorestar as colinas outrora desnudadas e recuperar vastas superfícies do leito do lago. As Colinas Orientais estão agora lindamente cobertas de verde, com pinheiros e ciprestes nas encostas, e pomares, campos de chá, plantações de amoreiras e bambu nos vales. Os viveiros de peixes brilham ao sol; os campos de arroz estendem-se sobre as margens do lago; nos baixios crescem, em abundância, juncos para uso industrial e plantas aquáticas comestíveis. Os aromas de arroz e frutos misturam-se deliciosamente.

Em 1973, apesar das chuvas excessivas, as oito principais culturas da comuna registaram boas colheitas. Em relação a 1949, registaram-se aumentos de 379 por cento em cereais, 440 por cento em frutos, 240 por cento em casulos de bicho-da-seda e 285 por cento em produtos aquáticos.

A CULTURA DO ARROZ

«Tomar a produção de cereais como factor principal, enquanto se assegura o desenvolvimento de todos os outros ramos da produção» exprime a política chinesa no domínio da agricultura.

A Comuna Popular de Tuntim produz principalmente frutos, chá e outras culturas industriais. Antes de 1969, dependia do Governo quanto à quase totalidade dos cereais para a sua alimentação, comprando ao Estado 7,5 milhões de kg anualmente. O comité do Partido da comuna considerou o problema de se executar a política do Governo de **«tomar a produção de cereais como factor principal, enquanto se assegura o desenvolvimento de todos os outros ramos da produção»**, ou de **«apoiar-se no Estado para obter cereais para a alimentação e em si mesma para conseguir dinheiro»**, como algumas pessoas defendiam na comuna. Esta questão é de grande importância e representa as duas linhas diferentes quanto ao desenvolvimento da agricultura. A primeira linha ajusta o trabalho agrícola à construção do socialismo no interesse do Estado, enquanto a segunda levaria ao desenvolvimento florescente das ocupações secundárias e pequeno comércio, a nível privado, prosseguindo na procura do rendimento monetário em detrimento da produção colectiva. A Grande Revolução Cultural Proletária trouxe este problema a lume, e o comité do Partido da comuna apresentou-o aos comuneiros, para séria discussão. A grande maioria concluiu que desde que a Brigada de Tatchai, que se encontra numa zona

montanhosa, tinha conseguido abrir mais campos e produzir mais cereais em campos em terraços, também eles, uma comuna que dispõe de tantos pântanos e outras terras desaproveitadas, deviam recuperá-las para cultivar arroz. Resumiram a sua passada experiência e aperceberam-se da importância da cultura de cereais e de como esta promove uma economia diversificada e vice-versa. Os membros da Comuna de Tuntim decidiram-se então a conservar a cultura de frutos como factor principal, mas, ampliando a superfície dos arrozais, tornarem-se auto-suficientes em cereais alimentares.

Na velha sociedade, vastas extensões das margens do lago estavam infestadas de bandidos. Os comuneiros disseram então que era tempo que essas terras desperdiçadas fossem transformadas em campos de arroz. Apoiando-os totalmente, a direcção da comuna organizou 6000 membros das 30 brigadas de produção para irem para essa zona no Inverno de 1969. Acampados ao ar livre por um tempo gelado, começaram a recuperar as terras pantanosas e a construir um dique para delimitar o lago, carregando terra para lá, de manhã à noite, sob o vento e sob a neve. Apesar do tempo invernosso, muitos trabalharam em roupas ligeiras e chegaram a transpirar, e o entusiasmo aumentava à medida que o trabalho avançava. Uma avó de setenta anos veio instalar-se ali com a sua neta, preparando chá quente. Quando o número de cestos de acarretar terra se tornou insuficiente, os membros de uma equipa de produção trançaram rapidamente 600 pares de cestos, com os seus próprios ramos de

salgueiro e ali os trouxeram imediatamente. Na Primavera de 1970, quando o projecto estava quase realizado, rebentou de repente uma tempestade e uma inundação devastadora abriu uma brecha no dique. Desprezando o frio, quadros e membros saltaram para a água gelada para tapar a brecha. Em sete dias de luta heróica, não só repararam a brecha mas também reforçaram todo o dique. Além de construírem o dique de 16 000 metros de comprimento, também abriram cinco canais de irrigação, quadriculando os 10 000 *mu* de terras recuperadas. O projecto total movimentou mais de 800 000 metros cúbicos de terra e lodo. O rendimento total de cereais da comuna subiu, em 1973, para 8 810 000 kg, quase duas vezes o de 1965, ou seja, 4,79 vezes o rendimento de 1949, ano da Libertação.

Agora, apoiando-se nas suas próprias forças, a comuna produz 70 por cento dos cereais necessários à sua alimentação. Mas, os comuneiros ainda não estão satisfeitos e continuam a aumentar o rendimento por *mu* para se tornarem, num breve prazo, totalmente auto-suficientes.

A TANGERINA DE TUNTIM

A região das Colinas Orientais produz em abundância tangerinas, nêspas, medronhos e castanhas. A mais famosa é a «Tangerina de Tuntim», uma qualidade que amadurece cedo, e a «Nêspas Branca», doce e suculenta e de pequeno caroço. O poeta Bai Djiu-yi,

da dinastia Tam, escreveu em louvor dos belos campos de tangerinas de Tuntim:

*O rubro e o dourado das tangerinas
Brilham na paisagem outonal.*

Mas ao longo dos mil anos que se seguiram, a abundante colheita de tangerinas foi-se deteriorando gradualmente, ao ponto de, quando da Libertação, só restavam algumas plantações dispersas perfazendo um total de 700 *mu*. O rendimento total anual era inferior a 400 000 kg. Desde a fundação da comuna popular, os camponeses têm feito grandes esforços para desenvolver a cultura de fruta em larga escala, construindo terraços nas colinas e trazendo água para os pomares.

Uma zona montanhosa, onde se situa actualmente a Brigada de Lühua, que produzia apenas alguns milhares de quilos de fruta antes da Libertação, abunda agora em árvores de fruta, com um rendimento anual de 150 000 kg.

Antes da comuna, quando a Brigada de Sinmin nas Colinas Orientais, ainda era uma cooperativa, só tinha 20 *mu* em tangerinas. Para vencer a pobreza e o atraso, o seu ramo do Partido propôs que se recuperassem as colinas para a fruta. «Os ventos cálidos do lago Taihu nunca alcançam o gélido vale de Sinmin, e os pesados gelos de inverno cedo se instalam aqui. Como é que podemos cultivar tangerinas?» disseram. Outros responderam. «Cultivar tangerinas leva muito tempo e um monte de dinheiro. Porque não se decidir por batata doce? Não custa muito a plantar e traz

lucros elevados e rápidos!» Um punhado de inimigos de classe aproveitou a oportunidade para iludir o povo. «As árvores de fruto não produzem durante dez anos» disseram, «Melhor é cultivar algo que traga lucros imediatos». Depois do ramo do Partido ter estudado em conjunto com os membros o ensinamento do Presidente Mao: «Transformemos a China com o espírito de Yukong que removeu as montanhas», todos ficaram convencidos que com trabalho árduo e seguindo a via socialista poderiam, com certeza, transformar as encostas desnudadas em pomares. Com a formação da comuna popular, a brigada consagrou 40 000 dias de trabalho a recuperar terras incultas e a construir campos em terraços, que fizeram aumentar os campos de tangerinas para 420 *mu*. O cume Cuanquialin, localizado dentro da brigada, era um campo de execução onde os imperialistas japoneses massacravam o povo chinês. Agora está coberto de campos de tangerinas da Equipa N.º 5 da brigada.

A Brigada de Produção de Veitum plantou pomares em todas as terras aproveitáveis. Fizeram explodir as encostas rochosas, utilizaram as pedras para consolidar os degraus dos campos em terraços e encheram os buracos abertos pelas explosões com cestos de lodo trazidos aos ombros das margens do lago, formando assim novos campos.

Foi assim que durante mais de dez anos o povo das Colinas Orientais, inspirado pelo espírito de Yukong, cobriu de árvores mais de 20 000 *mu* de terras montanhosas e estéreis e ampliou os campos dispersos de tangerinas numa cintura de pomares de 20 km de

comprimento. Agora, as 23 colinas e os 31 vales da comuna estão verdes com pinheiros e bambu, além dos pomares de tangerineiras, nespereiras e medroneiros. Todas as Colinas Orientais são agora uma orgia de flores, frutos e árvores luxuriantes em todos os matizes de verde. Comparando 1973 com 1949, a área total de pomares aumentou de 4000 para 9000 *mu* e a produção de frutos diversos de 1,4 milhões para 7,58 milhões de kg. A produção de Tangerina de Tun-tim subiu de 380 000 kg para 2 770 000 kg. As variedades de frutos também aumentaram muito. Só de tangerinas, agora cultivam-se mais de dez espécies em vez de cinco como era dantes. As Colinas Orientais transformaram-se realmente em colinas de flores e de frutos.

As tangerineiras foram plantadas nesta área da China há mais de mil anos. Na época feudal, as tangerinas eram um produto de «tributo» reservado exclusivamente aos imperadores e às famílias imperiais. Agora, este delicioso fruto é vendido através do país para consumo do povo e algum é exportado.

CRIAÇÃO DE PEIXES

A cultura de peixes de viveiro é uma das ocupações principais da economia diversificada da comuna. Há 3400 viveiros com uma superfície de água total de 9200 *mu*, os quais, como espelhos brilhantes, constituem um quadro emocionante. A criação de peixes tem aqui uma longa história; mas, com bancos baixos,

viveiros pouco profundos e pouca comida para os peixes, o rendimento era baixo. Quando havia chuvas pesadas, os viveiros e os peixes eram varridos pelas águas torrenciais que corriam do lago.

Depois da formação da comuna, os membros e quadros trabalhando em estreita colaboração, consagraram 350 000 dias de trabalho a construir à volta da margem do lago uma barragem de três metros de altura, quinze metros de largura na base de 6000 metros de comprimento. Desde então, nem ventania nem torrentes inundaram os viveiros, e o rendimento anual aumentou gradualmente. O de 1973 foi de 1 850 000 kg, 2,85 vezes mais elevado que o de 1949.

A chave do sucesso na criação de peixes encontra-se em ter uma quantidade suficiente de crias. Para o seu abastecimento, a comuna costumava depender inteiramente doutras regiões. Todos os anos na Primavera, tinha que enviar uma grande quantidade de gente e dispendar centenas de milhar de *yuan* para as comprar. O custo proibitivo, em dinheiro e mão-de-obra, e o baixo índice de sobrevivência das crias (20 por cento), perturbavam seriamente os esforços dos membros da comuna para criarem maior quantidade de peixe. Os comuneiros pediram autorização para estabelecer uma incubadora de ovos de peixe, mas foram frustrados por certas autoridades sob influência revisionista.

Em 1964, o Presidente Mao lançou o apelo «Que a agricultura siga o exemplo de Tatchai». Os comuneiros responderam calorosamente e criticaram a posição errada de depender dos outros em vez de se apoiar nas

suas próprias forças na edificação das zonas rurais. No ano seguinte estabeleceram, com métodos rudimentares, uma incubadora de ovos de peixe, e durante os últimos nove anos, especialmente desde a Grande Revolução Cultural, a incubadora tem-se desenvolvido e aperfeiçoado rapidamente. Agora cria 60 milhões de peixinhos recém-nascidos por ano, o que é suficiente não só para responder às necessidades da comuna, mas também para suprir as encomendas doutras localidades. O índice de sobrevivência dos peixes recém-nascidos é superior a 80 por cento. Em comparação com o passado, o custo foi altamente reduzido.

Nos primeiros tempos, a incubadora sabia apenas criar carpa prateada e não outras espécies que desejava criar. Os operários decidiram aprender. Depois de numerosas experiências, aplicaram com bons resultados a fertilização artificial a sete espécies, satisfazendo assim todos os pedidos da comuna.

As instalações da incubadora, inclusive os viveiros e as tinas de incubação foram todas construídas pelos operários da incubadora. O estabelecimento não é muito grande e os seus métodos são bastante rudimentares, mas satisfaz as necessidades da comuna sem grande despesa e ganhou o aplauso dos comuneiros que dizem com satisfação: «Apoiar-se nas próprias forças é realmente bom!»

A CULTURA DA SEDA

A região ao sul do rio Yangtsé, conhecida como país de lagos e rios, é também uma «terra de seda». Na

Comuna Popular de Tuntim, a amoreira é plantada principalmente nas margens dos viveiros de peixes, e, com a expansão da criação de peixe, a área de plantações de amoreira também aumentou. O número de amoreiras por *mu* subiu de 500 para 800 e as espécies locais têm sido gradualmente substituídas por outras melhores. Os comuneiros também aprenderam métodos mais aperfeiçoados de lutar contra os insetos nocivos e de evitar as doenças das plantas. Isso teve como resultado uma maior produção de folhas de amoreira e aumentou o número de colheitas de casulos que passou de uma a cinco por ano. Em 1973, a comuna criou 162 kg de germes de seda e a produção total de casulos aumentou em 26 por cento comparada com a de 1971.

A sericicultura nesta comuna teve os seus altos e baixos, e o seu rendimento estava longe de ser estável. Isso era devido principalmente às ideias erradas de um certo número de pessoas sobre a criação de bichos-da-seda. «Cultivar amoreiras e criar bichos-da-seda dá demasiado trabalho» — diziam — «O trabalho nunca mais acaba. Quem é que pode aguentar! Mais vale plantar tangerineiras». O comité do Partido da comuna pediu aos comuneiros que encarassem o problema à luz dos mais amplos interesses do Estado — as exigências da economia do país na sua perspectiva global. Só depois deste problema ter sido bem esclarecido é que a produção de casulos começou a crescer progressivamente em Tuntim. Agora, a amoreira é enxertada por todo o lado possível, nas árvores ao longo dos viveiros ou mesmo nas aldeias, e produz

desde o primeiro ano. Em 1972, a comuna enxertou amoreiras em 1 080 000 árvores, plantou 1 280 000 rebentos de amoreira, reservou mais de 108 *mu* para plantação de amoreiras e construiu 135 salas de criação. Assim, além da cultura de frutos e da criação de peixes, a sericicultura aumentou em proporções consideráveis na comuna.

O CHÁ PILOTCHUEN

Pilotchuen é a latinização dos três caracteres chineses pi-lo-tchuen. *Pi* significa jade verde, a cor do chá. *Lo* significa concha, a forma da folha em espiral desse chá. *Tchuen* é Primavera, a estação em que o chá é apanhado. O chá de Pilotchuen é um dos mais famosos e mais vendidos no país e no estrangeiro. Diz-se que a cultura do chá Pilotchuen começou há 1300 anos atrás. As folhas têm uma penugem branca e um aroma agradável. As folhas frescas são muito tenras e requerem grande cuidado quando são colhidas e tratadas. Os comuneiros colhem o chá de manhã muito cedo, e as folhas são escolhidas e conservadas imediatamente. O chá Pilotchuen de primeira qualidade é feito com a primeira folha de cada ramo que floresce no começo da Primavera. São precisas 55 000 a 60 000 folhas destas para perfazer um *jin* de chá Pilotchuen de primeira classe.

Antes da Libertação, sob o regime reaccionário do Kuomintang, o rendimento de Pilotchuen declinou e a sua qualidade deteriorou-se consideravelmente. Os cultivadores de chá, que sofriam a exploração em vários

aspectos, mal podiam sustentar-se. O povo nas Colinas de Tuntim costumava lamentar-se,

*Os jardins de chá Pilotchuen definham,
As folhas inclinam-se muito baixo,
Nós apanhamos dezoito colheitas por ano,
Mas vivemos de folhas estragadas e aveia.*

Estas linhas descrevem perfeitamente a vida miserável dos cultivadores de chá de Tuntim no passado. Após a Libertação, o Partido Comunista da China e o Governo, preocupados com a vida dos cultivadores de chá, deram-lhes uma grande ajuda. A cultura deste famoso chá levou um novo impulso. Especialmente desde a fundação da comuna, o chá de Pilotchuen aparece, no plano da comuna, como uma das principais culturas industriais. Tanto a quantidade como a qualidade subiram rapidamente. Os membros da Brigada de Lühua, por exemplo, apoiando-se nas forças da colectividade, desbravaram uma encosta pedregosa para abrirem 200 *mu* de novas culturas de chá. Trabalharam durante dois invernos, escavando um canal de irrigação. O projecto, que envolveu 40 000 metros cúbicos de terra, tornou possível a bombagem da água do lago Taihu até aos jardins no topo das montanhas. O rendimento de chá Pilotchuen da brigada atingiu agora mais de 2500 kg, seis vezes o nível de antes da Libertação. Os membros da Brigada de Sinmin, que costumavam apenas cultivar frutos e amoreiras, graças ao movimento de seguir o exemplo de Tatchai, prepararam-se para cultivar chá em terras recuperadas nas encostas

e nos cimos das montanhas estéreis. A primeira sementeira falhou devido à inexperiência; a segunda coincidiu com uma seca excepcionalmente grave e os arbustos morreram todos. Mas os comuneiros, dirigidos pelos quadros, insistiram. Fizeram uma terceira tentativa, plantando 25 000 kg de sementes de chá. Desta vez os arbustos floresceram sobre os 380 *mu* de jardins de chá recentemente recuperados. E, assim como a brigada partiu do nada, está agora a lutar por obter uma produção mais importante e de melhor qualidade.

Além de cultivarem o chá em plantações exclusivas, estão também a plantar arbustos entre as tangerineiras e as nespereiras, onde as fileiras de arbustos de chá têm o aspecto de sebes ornamentais. O desenvolvimento dos pomares é assim acompanhado do aumento da cultura do chá. Em 1958, o rendimento de chá da comuna foi de 6000 kg; em 1971, de 36 000. Os rendimentos de 1972 e 1973 foram respectivamente de 37 500 kg e 39 400 kg.

AUMENTOS NA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

(Em 1000 quilogramas 1949 = 100)

	1949	1953		1958		1965		1973	
		Prod.	Perc.	Prod.	Perc.	Prod.	Perc.	Prod.	Perc.
Cereais	1840	2980	162	4450	242	4750	258	8810	479
Frutos	1400	2270	162	3490	249	6090	435	7580	541
Produtos aquáticos	480	1090	227	1420	296	1550	323	1850	385
Casulos de bicho-da-seda	110	200	181	219	199	228	207	375	341
Chá	5,5	9,5	172	6	109	28,8	524	39,4	716

V. OS SERVIÇOS MÉDICOS E SANITÁRIOS EM TUNTIM

Depois da Libertação deram-se alguns passos para remediar a falta de médicos e medicamentos nas zonas rurais da China. Mas, comparando com as cidades, ainda existe uma grande diferença. Só depois de o Presidente Mao ter lançado o apelo «**No domínio da medicina e do trabalho sanitário, deve-se dar atenção especial às zonas rurais**», é que a situação começou a mudar.

Em toda a superfície da Comuna Popular de Tuntim, só havia, antes, dois hospitais, e encontravam-se ambos na vila de Tuntim, longe das aldeias. Os doentes atacados de doenças agudas ou graves, tinham que ser transportados por muitos quilómetros através das pistas montanhosas para atingirem os locais de tratamento. E, além das despesas médicas ultrapassarem muitas vezes as suas posses, também, frequentemente, não recebiam tratamento a tempo.

Agora, não só existe um hospital no centro da comuna, mas também um centro de cooperativa médica com

médicos «pé descalço» e parteiras em todas as brigadas de produção e um ou dois trabalhadores sanitários em cada equipa de produção. Assim se formou uma rede de serviços médicos e sanitários. A comuna agora dispõe de 66 médicos «pé descalço», 29 parteiras e 248 trabalhadores sanitários. Já se generalizou aqui o hábito de tomar oportunamente medidas preventivas contra as doenças comuns, de consultar o médico a tempo, de tratar os casos de doença de menor gravidade nos centros de saúde da aldeia e os casos graves no hospital da comuna — o que representa um grande passo em frente na situação médica da região.

Além de tratarem os doentes, os trabalhadores médicos das zonas rurais divulgam conhecimentos de higiene e ajudam o povo a melhorar as condições sanitárias. Atribuem uma importância especial à prevenção das doenças, à divulgação dos conhecimentos médicos e à sua aplicação prática. O índice de doença baixou consideravelmente, e as doenças contagiosas como a bilharziose, encefalite e difteria foram controladas.

A divulgação do plano familiar é uma das tarefas importantes dos trabalhadores médicos das zonas rurais. Como este programa envolve questões vitais como a saúde das mães e das crianças, a educação das crianças e a participação das mulheres nas actividades produtivas e políticas, é considerado como uma parte essencial do trabalho médico rural. Na Comuna Popular de Tuntim, onde a população é bastante densa, o plano familiar apresentou resultados apreciáveis. O quadro seguinte é esclarecedor:

	1969	1973
	(Por 1000 pessoas)	
Índice de natalidade	27,8	15,7
Índice de mortalidade	8,3	6,8
Saldo demográfico	19,5	8,9

UM HOSPITAL PARA OS CAMPONESES

O hospital da comuna é ao mesmo tempo o órgão administrativo de base no trabalho médico e sanitário. É um elo entre o hospital de distrito e os centros das cooperativas médicas das brigadas de produção, o que, no conjunto, forma uma rede de serviços de saúde a três níveis. O hospital da comuna também realiza muitas tarefas não-administrativas tais como desenvolver os serviços médicos e sanitários da área, especialmente quanto à consolidação e desenvolvimento das cooperativas médicas e à preparação de médicos «pé descalço».

O hospital da Comuna de Tuntim está situado na sede da comuna, nas Colinas Orientais, e resulta da fusão dos dois hospitais da vila. Antes desta mudança, os dois tinham apenas pouco mais de uma dezena de trabalhadores médicos em dois ou três departamentos. Agora, o hospital dispõe de 65 empregados, incluindo médicos e enfermeiras. A maior parte dos trabalhadores médicos têm sido atribuídos ao hospital pelo Estado, depois de se formarem em escolas médicas. O hospital da comuna serve principalmente os camponeses, visto que a maior parte dos doentes

internados são para aí encaminhados pelos médicos «pé descalço» das brigadas. Os restantes são habitantes da cidade ou comuneiros das aldeias próximas. O hospital tem 70 camas. O departamento de consulta externa tem consultas de medicina geral, cirurgia, traumatologia, ginecologia, obstetrícia, oftalmologia e otorrinolaringologia. Há consultas dentárias e de medicina tradicional chinesa, inclusive acupunctura e moxibustão, e também uma sala com equipamento para exame fluoroscópico, laboratórios, farmácia e uma pequena oficina para confecção de medicamentos. Dispondo de serviços tão vastos, o departamento hospitalar de consulta externa é um lugar de grande movimento.

Além de tratar os doentes, o hospital tem classes de formação para médicos «pé descalço» e trabalhadores sanitários das brigadas de produção. Também organiza os médicos para irem, por turnos, para as zonas rurais. Aí, tratam os doentes e tomam medidas preventivas ao lado dos médicos «descalços» locais e dirigem seminários regulares sobre assuntos especializados para lhes comunicarem as suas experiências. Os 66 médicos «pé descalço» da comuna tiveram pelo menos um curso de preparação hospitalar sobre os princípios básicos de diagnóstico, receitas, injeção, partos e preparação dos medicamentos chineses à base de ervas, e podem geralmente executar esses trabalhos sem ajuda.

A COOPERATIVA MÉDICA — UMA NOVA INSTITUIÇÃO

A cooperativa médica, sustentada pelas forças coletivas dos camponeses chineses, é uma coisa nova nas regiões rurais da China. Desde a sua adopção pela Comuna Popular de Tuntim, o sistema mostrou-se popular entre os camponeses e eficaz contra a doença.

Eis como funciona. Constitui-se um fundo anual para a medicina, baseado em cotizações de três *yuan* por membro; metade da cotização é paga pelos membros e a outra metade pelo fundo de reserva da brigada. Nessas condições, os membros da cooperativa só pagam 5 *fen* por despesas de registo por cada consulta, incluindo o tratamento e os serviços médicos. Os medicamentos são gratuitos até ao nível de 10 *yuan*. As despesas superiores a esse montante são pagas, metade pelos membros e metade pela brigada. Este preço máximo, contudo, é variável e algumas brigadas estabeleceram-no em 20 ou 30 *yuan*. Mas o preço máximo raramente é excedido, visto que o Governo, nos últimos anos, reduziu várias vezes o preço de praticamente todos os medicamentos, e a difusão do uso das ervas medicinais também fez baixar o preço dos cuidados médicos. Isto é muito importante, pois o uso das ervas medicinais reduziu geralmente o custo das receitas médicas a dez ou vinte *fen*, ou ainda menos.

No momento em que escrevemos, 22 das 30 brigadas de produção da Comuna de Tuntim não esgotaram ainda os seus fundos, três já os esgotaram e só cinco têm pequenos défices. É evidente que as coo-

perativas médicas oferecem grandes possibilidades para melhorar os serviços de saúde nas zonas rurais da China.

OS MÉDICOS «PÉ DESCALÇO»

Um médico «pé descalço» é um camponês que faz trabalho médico a tempo parcial. Este tipo de trabalhador paramédico apareceu pela primeira vez nas regiões produtoras de arroz do Leste da China. Com os seus estojos médicos à tiracolo, visitavam os doentes nas suas casas, e quando não ocupados com tarefas médicas, trabalhavam de pés descalços nos campos de arroz. Os camponeses reconheceram-nos como seus médicos e, afectuosamente, deram-lhes esse nome.

A Brigada de Produção de Sincuan tem 290 famílias com uma população total de 1298 pessoas organizadas em sete equipas. A brigada fornece casa para o centro de cooperativa médica e designa dois médicos «pé descalço» e uma parteira para trabalharem ali. Quando um membro necessita de cuidados médicos, pode sempre encontrar o médico «pé descalço» se não for no centro então muito provavelmente nos campos ou noutro local de trabalho, onde ele (ou muitas vezes ela) acompanhado do seu estojo de medicina trabalha como qualquer outro.

Os dois médicos «pé descalço» da Brigada de Sincuan estão intimamente ligados ao povo e servem-no com grande dedicação. Há muitas histórias comoventes sobre os médicos «pé descalço» Chen Pen-nan e Sim

Yi-tchem. A jovem Sim Yi-tchem nasceu numa família de camponeses pobres na velha sociedade e é agora membro da Liga da Juventude Comunista. Começou a trabalhar na sua nova tarefa depois dum curso de preparação de três meses no hospital do distrito, e responde imediatamente a todas as chamadas, quer chova ou faça sol, seja de dia ou de noite. Embora seja frequentemente chamada às horas das refeições ou de descanso, nunca se queixa dos seus pesados encargos de trabalho nem de estar sempre de serviço. Quando alguém a elogia sobre o seu bom trabalho, muda a conversa para as boas qualidades do seu colega Chen Pen-nan.

Chen Pen-nan, de 26 anos de idade, é um jovem comum que tinha apenas 5 anos de escola primária. Após dois meses de estágio no hospital da comuna, começou a servir como médico «pé descalço» na brigada, e foi aumentando continuamente os seus conhecimentos, observando cuidadosamente os tratamentos dispensados pelos médicos hospitalares. Por vezes, oferecia-se como voluntário para acompanhar um doente para o hospital da comuna e permanecia aí com ele de modo a ocupar-se dele e a aprender todo o processo de tratamento. Com estes conhecimentos básicos em diagnósticos, medicação e cirurgia, foi enviado para um hospital melhor equipado, numa cidade, para um curso adicional de três meses, que preencheu lacunas tanto na formação teórica como na prática. Trabalhando arduamente, e revendo frequentemente o que aprendia, fez rápidos progressos, e aprendeu a utilizar perfeitamente mais de 100 pontos de acupunc-

tura e a tratar doenças correntes nos domínios da medicina geral, cirurgia, traumatologia e pediatria. Foi enviado várias vezes como delegado a conferências médicas do distrito e da prefeitura.

Como é possível que este jovem médico «pé descalço», com uma educação escolar tão rudimentar, tenha feito tão grandes progressos em apenas três anos? A explicação de base encontra-se na sua experiência social.

Nascido e criado na região rural de Tuntim, Chen foi testemunha ocular do sofrimento dos camponeses pobres, inclusive dos membros mais velhos da sua família, devido à falta de cuidados médicos na velha sociedade. Isso deixou uma profunda impressão no seu espírito. Com a Libertação, a situação melhorou um pouco, mas, devido à influência da linha revisionista nos serviços médicos e sanitários, a maior parte dos hospitais da China permaneceram nas vilas e cidades, sendo de pouco auxílio e conforto para os camponeses que caíam doentes.

Em 1969, a comuna decidiu adoptar o plano de cooperativas médicas. Quando Chen foi designado como médico «pé descalço» para o centro médico recentemente instituído na sua brigada, ficou louco de alegria e consagrou-se a melhorar os serviços de saúde da sua terra natal. «Os serviços médicos devem ser acessíveis; o médico também deve visitar os doentes nas suas casas», pensa ele. Exigiu muitíssimo de si próprio tanto em trabalho como na aquisição de conhecimentos, não desperdiçando um momento nem perdendo uma oportunidade. Aprende com todos os que tiverem

conhecimentos tanto em medicina ocidental como em medicina tradicional chinesa. Sabendo a importância dos conhecimentos teóricos, para melhorar os serviços que quer prestar ao povo, comprou muitos livros de medicina. No entanto, as pessoas que vivem mais intimamente com ele dizem que a razão fundamental da sua grande competência encontra-se nos seus profundos sentimentos pelos camponeses pobres e pelos camponeses médios da camada inferior e no seu amor pela sociedade socialista.

A UTILIZAÇÃO DE ERVAS MEDICINAIS

Tomando o apoio nas próprias forças como palavra de ordem, a farmácia do hospital da comuna preparou, desde Março de 1970, cerca de 100 variedades de emplastos, pílulas e medicamentos para injectar, a partir de ervas medicinais. Os novos medicamentos, especialmente os injectáveis, são primeiro experimentados várias vezes em animais e depois no próprio pessoal médico, por razões de segurança e para assegurar a eficácia no uso clínico. Estes medicamentos à base de ervas são populares e já deram provas da sua eficiência. Devido aos rápidos progressos feitos na investigação científica do hospital, combinando a medicina ocidental e a medicina tradicional chinesa, e na utilização de ervas medicinais, muitos visitantes de outras comunas e brigadas e mesmo de outras províncias vêm aí para observar e aprender. Num só ano, o número de visitantes foi superior a 1000.

O comité do Partido de Tuntim apoia firmemente a

combinação da medicina ocidental com a medicina tradicional chinesa, e designou um membro do comité para se responsabilizar por esse trabalho. A investigação científica no domínio das propriedades curativas das ervas medicinais, está em plena actividade. Nas Colinas Orientais de Tuntim crescem destas ervas em grande quantidade, e mais de 600 espécies foram já identificadas e analisadas.

Nos últimos quatro anos, a Comuna Popular de Tuntim colheu mais de 70 000 kg de ervas medicinais para uso na comuna. Alguns comuneiros não acreditavam na eficácia das ervas medicinais. Os médicos «pé descalço», no entanto, estavam convencidos de que elas seriam aceites quando o povo visse os resultados. Uma vez, um bebé de nove meses teve uma febre muito alta e a análise ao sangue revelou que o número de glóbulos brancos era anormalmente elevado. Levar o bebé para o hospital da cidade teria atrasado o tratamento e posto em perigo a vida da criança. Os pais estavam muito preocupados. Então, alguém sugeriu que se contactassem os médicos «pé descalço» da Brigada de Veitum que se encontra próxima e que têm obtido muito bons resultados utilizando ervas. Levaram lá o bebé e depois de exame cuidadoso pelo médico «pé descalço», a sua doença foi diagnosticada como nefrite aguda. Tendo tomado ervas medicinais, a febre logo baixou para a temperatura normal e o bebé ficou muito melhor. Depois de ter tomado algumas doses mais de preparações de ervas melhorou completamente a saúde. O custo total dos medicamentos não excedeu

dois *yuan*. A confiança do povo nas ervas medicinais aumentou muito.

As preparações injectáveis feitas a partir de ervas são já preparadas em 26 das 30 brigadas da comuna; e em 2 brigadas já se fabrica soro fisiológico, o que indica o começo de uma nova fase nos serviços médicos desta região.

Os méritos da cooperativa médica são cada vez mais evidentes, os médicos «pé descalço» fazem rápidos progressos em competência profissional e as ervas medicinais estão a ser usadas numa escala cada vez mais elevada. Estes progressos trouxeram o começo duma nova situação nos serviços de saúde das zonas rurais da China que durante muito tempo se caracterizaram pela escassez de médicos e medicamentos.

VI. AS MULHERES DESEMPENHAM O SEU PAPEL

A Comuna Popular de Tuntim está empenhada numa produção variada que envolve muitos tipos de trabalho agrícola. Graças à activa participação de todas as mulheres robustas na produção colectiva, a comuna raramente sofre de falta de mão-de-obra. Muitos comuneiros citam o adágio, «As mulheres suportam metade do céu», dizendo que se aplica bem às mulheres de Tuntim.

MUDANÇA DE ESTATUTO POLÍTICO E ECONÓMICO

A mudança de estatuto político e económico das mulheres na China de hoje é o resultado de muitas lutas árduas.

Na velha sociedade, as mulheres trabalhadoras estavam amarradas de manhã à noite a cozinhar, ferver água, lavar a roupa da família e outras tarefas domésticas. Sofriam uma múltipla opressão. Consideradas inferiores aos homens, e dependentes economicamente

dos seus maridos, pouco tinham a dizer dentro da família. As mulheres de Tuntim, além de se esgotarem nas tarefas domésticas, tinham frequentemente que ajudar ao ganho da vida das famílias remando barcos, pescando ou apanhando lenha para o fogo. Muitas tinham mesmo que sair de casa, indo servir como criadas, amas de peito, etc., para as famílias de senhores de terras e capitalistas.

Tudo isso mudou em 1949, que trouxe às mulheres a emancipação política. Actualmente, na Comuna de Tuntim, cerca de 500 mulheres ocupam postos de direcção a nível da comuna, brigada ou equipa, bem como nas organizações da milícia, do Partido Comunista e da Liga da Juventude Comunista. As mulheres estão a desempenhar na produção um papel cada vez maior. Cada uma das 237 equipas de produção da comuna tem uma mulher dirigente ou vice-dirigente, e as mulheres representam 46 por cento da força de trabalho total. Muitos trabalhos, tais como colher e tratar o chá, apanhar os frutos, criar bichos-da-seda, são feitos principalmente por mulheres. Em algumas equipas de produção, as mulheres jovens tendem a substituir os homens na cultura do arroz e do trigo libertando assim os homens para trabalhos mais pesados, tais como recolher lodo do lago para fertilizante ou escavar nas montanhas rochosas a fim de construir campos em terraços. Em alguns trabalhos como mondar ou colher arroz, as mulheres jovens são mais rápidas e mais hábeis do que os homens.

No seu apelo às mulheres chinesas, o Presidente Mao aconselhou-as a «unir-se e participar nas activi-

dades produtivas e políticas para melhorar o seu estatuto económico e político». As mulheres da Comuna de Tuntim estão a responder entusiasticamente a este apelo.

BOA PARTICIPAÇÃO NO TRABALHO AGRÍCOLA

Muitas mulheres distinguem-se pelas importantes contribuições que deram à produção colectiva.

Vam Ton-huei da Brigada de Produção de Cuanjum já não é jovem. Mas faz um bom trabalho na criação de porcos. Nunca abandona uma porca quando ela dá à luz, nem que seja de noite, e quando um leitão não mama, alimenta-o com sopa de arroz às colheradas. Trata cuidadosamente de cada porco e assiste os que estão doentes. É em grande medida graças aos esforços de Vam Ton-huei, que o número de porcos que possui a brigada de produção tem aumentado consideravelmente.

Vem Tchim-fum é presidente da associação das mulheres da Brigada de Sinmin. Quando foi necessário instalar tubos de canalização para trazer água para o cimo das encostas, dirigiu um grupo de mulheres para fazer esse trabalho, que requer força e competência. Um punhado de homens manifestou dúvidas. «Nunca vimos mulheres instalar canalizações», disseram. Mas Ven Tchim-fum e o seu grupo continuaram com o trabalho, aprendendo na prática, e alcançaram um bom resultado.

Especialmente dignas de apreço, são as equipas femininas de choque, elogiadas na aldeia por serem

verdadeiras «raparigas de ferro». Um exemplo típico é a «Equipa das Raparigas de Ferro» da Equipa N.º 2 da Brigada de Tchienquo. Dirigida por Tchín Lun-ti, uma equipa de catorze trabalhou nos 200 *mu* de campos de arroz da equipa, fazendo todos os trabalhos desde a transplantação à colheita. Nos seus tempos livres abriram uma parcela experimental de 1,9 *mu* para fazer experiências sobre novos métodos para aumentar o rendimento de arroz. Com o seu trabalho duro e eficiente, ultrapassaram os rapazes nas campanhas de emulação e ganharam o aplauso tanto dos homens como das mulheres. Numa reunião da equipa de produção, em 1970, foi-lhes dado o nome de «Equipa das Raparigas de Ferro» e foram citadas como um bom exemplo a seguir.

DEFENDENDO OS INTERESSES DAS MULHERES

Agora que as mulheres da comuna tomam parte na produção e nas actividades políticas em pé de igualdade com os homens, quem é que trata das crianças e das tarefas domésticas? Vejamos o que se passa na Brigada de Produção de Veitum que tem 850 mulheres, constituindo mais de metade da população da brigada.

Tomando em consideração as condições fisiológicas das mulheres e os seus trabalhos domésticos, as equipas de produção atribuem-lhes trabalhos apropriados, mais leves. Também o seu dia de trabalho é mais curto que o dos homens. Para aligeirar os seus afazeres domésticos, a brigada proporciona serviço de cantina durante todo o ano e durante as estações de

maior trabalho alarga esse serviço de acordo com as conveniências dos membros. As mulheres que faziam o mesmo trabalho que os homens costumavam receber cerca de 20 por cento menos. Agora recebem salário igual para trabalho igual.

Cada uma das oito equipas da Brigada de Veitum tem uma creche de dia, enquanto que a brigada tem quatro jardins infantis, com 99 crianças e 25 empregadas para cuidar das crianças e ensiná-las.

A professora do jardim-escola, Tchu Fum-tchu, de setenta anos de idade, é altamente conscienciosa. Começou a fazer esse trabalho em 1955 e desde então tem-se consagrado inteiramente a ele. Alguns dos seus pequeninos estão já a acabar a escola secundária, outros acabaram os estudos e começaram a trabalhar enquanto que outros entraram para o Exército Popular de Libertação. Apesar da sua idade avançada, Tchu Fum-tchu recusa a reforma dizendo: «Na velha sociedade, tive vários filhos mas todos morreram de doença ou de fome. Por isso olho para todos os meninos do jardim-escola como se fossem meus, e faço todos os possíveis por tratar deles para que os pais possam trabalhar, sem preocupações, na construção do socialismo. Estou velha, mas isto é uma coisa que posso ainda fazer pela nossa pátria socialista. Isto faz-me feliz!»

VII. AS CONDIÇÕES DE VIDA DOS COMUNEIROS

Durante séculos no passado, os camponeses chineses foram tratados cruelmente pelos exploradores e viveram na miséria. Com a fundação da República Popular da China, veio a emancipação de centenas de milhões de camponeses pobres. Desde então, as suas condições de vida têm sempre melhorado progressivamente. A Comuna de Tuntim é um caso comum na região ao sul do Yangtsé. Com a subida progressiva dos rendimentos dos comuneiros, as suas condições de vida, embora eles não sejam ricos de modo algum, vão melhorando cada ano e são, sem dúvida alguma, muito melhores do que antes da Libertação.

A Brigada de Produção de Luidua é principalmente produtora de frutos, e o seu nível de vida é sensivelmente equivalente ao das outras brigadas da comuna. Citemos alguns exemplos de mudanças que ocorreram na vida quotidiana dos camponeses desta brigada.

A Equipa N.º 2 desta brigada tem 33 famílias perfazendo 181 pessoas, que cultivam 156 *mu* de pomares e 34 *mu* de campos de arroz nas margens do lago. Todos

os membros aptos para o trabalho físico participam na produção colectiva, pois sabem que o trabalho agrícola não tem por único fim melhorar as suas próprias condições de vida mas é, em primeiro lugar, um meio de acelerar a edificação socialista. A sua palavra de ordem é: «Dar contribuições ainda maiores para o socialismo».

Como é que os comuneiros organizam a sua vida quotidiana? Durante as estações de maior faina agrícola, trabalham cerca de 10 horas, de manhã cedo e para o fim da tarde, com um repouso de três horas ao meio-dia. Na estação de menos actividade, trabalham oito horas, de manhã das sete às onze e de tarde, do meio-dia às quatro. À parte o tempo consagrado a reuniões, todas as outras horas são livres. Todos os comuneiros têm direito a quatro dias de repouso por mês (dois durante as estações de maior trabalho). Tendo em conta as suas condições fisiológicas, as mulheres recebem mais atenções.

Na velha sociedade, metade das 33 famílias viviam em cabanas de colmo arruinadas que já há muito tempo foram demolidas. Agora, 12 famílias instalaram-se já em casas novas que elas próprias construíram, enquanto seis outras renovaram as suas velhas residências. O camponês Pan Tchim-iu, agora já de idade avançada, trabalhava, antes da Libertação, como operário assalariado agrícola para o senhor das terras. Não podia comprar vestuário decente, quanto mais ter uma casa para viver. A Libertação fez dele o seu próprio mestre e trouxe-lhe melhores condições de vida. Desde a fundação da comuna, a sua vida melhorou ainda mais e

em 1962 construiu uma casa de tijolos coberta de telha com três quartos, cada um dos quais custou entre 500 a 700 *yuan*.

Tam Li-djuen, que é responsável do trabalho feminino na brigada, tem uma família de oito pessoas. Além do seu marido e de si própria, mais duas filhas e um filho adolescentes, há os pais e uma irmã do seu marido. A família não é forte em mão-de-obra, e a sua situação económica é considerada mediana.

Em 1972, toda a família realizou 1600 dias de trabalho, alcançando um vencimento total de 1600 *yuan*, ou seja uma média de 200 *yuan* por pessoa. Depois das deduções para cereais alimentares (20 *fen* o kg), palha (4 *fen* o kg), azeite de cozinha, sal e despesas escolares das crianças (9 *yuan* por aluno, por ano), restavam-lhes 900 *yuan* no fim do ano para comprar roupas e outros artigos necessários.

Entre 1967 e 1972, gastaram 1300 *yuan* das suas economias para comprar móveis, 120 *yuan* para uma máquina de coser e 2000 *yuan* para acrescentar três quartos à casa. Esta despesa total de 3420 *yuan* em cinco anos seria inconcebível para uma família de camponeses antes da Libertação.

O velho camponês Ie Cuen-fuam, da Equipa N.º 2, viveu uma vida dura na velha sociedade. Nos anos imediatamente após a reforma agrária, em que a sua família recebera terra, os Ies ainda tinham algumas dificuldades económicas porque tinham falta de mão-de-obra e tinham de partir do nada. Receberam regularmente subsídios do Governo. A sua vida melhorou com a formação da cooperativa agrícola de

produção e a situação ainda melhorou mais depois da fundação da comuna. Mais tarde o seu filho casou-se e tornou-se economicamente independente; os outros três membros da família — esposa, filha e ele próprio — continuaram a viver debaixo do mesmo tecto. Em 1964, a família le construiu uma nova casa de três divisões — uma sala de estar entre os dois quartos — e também uma cozinha separada. Isso custou mais de 2000 *yuan* que a família economizou ao longo de alguns anos. Isto também era algo impensável nos velhos tempos para camponeses pobres como os Iles, que não tinham um tecto para se abrigar nem nunca souberam de onde viria a próxima refeição.

Em 1972, os três membros da família le efectuaram 760 dias de trabalho e ganharam 760 *yuan*, ou seja uma média de 253 *yuan* por pessoa. O rendimento líquido foi de 415 *yuan* depois de deduzidas as despesas em grão e diversos. Esta soma não inclui o rendimento que tiraram da parcela privada e das ocupações secundárias familiares. Este rendimento orçou em 185 *yuan* só em dois pontos — 75 *yuan* dos 7500 kg de estrume que venderam à equipa e 110 *yuan* da venda de dois dos seus porcos.

Têm um quinto de *mu* em parcela privada, na qual cultivam vários tipos de legumes e colza, que pertencem exclusivamente à família. Não pagam nenhum imposto sobre esses produtos. Assim como os outros camponeses, só trabalham nas suas parcelas privadas durante o tempo livre, pondo em primeiro lugar a produção colectiva.

Como possuem uma casa e uma parcela privada

para cultivar legumes para consumo próprio, geralmente dispõem de algum dinheiro para pôr de lado depois de pagarem as despesas de cereais e outros artigos necessários. Nos últimos anos, gastaram 400 *yuan* para comprar uma cómoda com espelho, um toucador, um guarda-roupa, um rádio transistor e um relógio de mesa.

Embora os rendimentos destas famílias camponesas médias não sejam muito elevados, a sua vida, assim como a vida do campesinato em todo o país, melhorará ainda mais ao mesmo tempo que aumenta a prosperidade da Pátria socialista.

* * *

Sob a direcção do Partido, a Comuna Popular de Tuntim revelou grandes progressos após 15 anos de trabalho árduo. Hoje em dia há viveiros de peixes e plantações de amoreiras nas zonas sul e sudoeste, campos de arroz e lagos com lótus a sudeste, e pinheiros, bambus e árvores de fruto nas encostas de norte e noroeste. É uma cena de prosperidade: frutos em profusão, nos celeiros o grão em altas pilhas e nas lagoas peixe e raízes de lótus em abundância. A produção anual de cereais da comuna saltou de 1 840 000 kg em 1949 para 8 810 000 kg em 1973, e a produção de frutos de 1 400 000 kg para 7 580 000 kg.

Agora, com mais e melhor terra, melhores condições de trabalho e níveis de vida mais elevados, os membros da comuna deter-se-ão ou continuarão a sua marcha para a frente? Não satisfeitos com os seus sucessos actuais, decidiram seguir o exemplo do espírito revolucio-

nário de apoio nas próprias forças e luta árdua da Brigada de Tatchai, para aumentar ainda mais a produção e a variedade dos produtos. Um novo plano de desenvolvimento foi delineado. Em cinco anos, a Brigada de Produção de Sinmin tem a intenção de recuperar mais de 100 *mu* para pomares, 200 *mu* para plantações de bambu e outros 200 *mu* para plantações de chá, e cavar uma vala de 1000 metros de comprimento para levar a água ao cimo da colina. Os objectivos de produção a atingir ao terminar a realização do plano serão: cereais 350 000 kg, animais domésticos 7000, porcos criados colectivamente 700, rendimento total 700 000 *yuan*. À parte a Brigada de Sinmin, as outras 14 brigadas, que se consagram principalmente à produção de frutos, estão a planear construir estações eléctricas e instalar canalizações para elevar a água do lago Taihu ao topo da colina, para combater mais eficazmente a seca. Seis brigadas que se consagram principalmente à criação de peixes fizeram planos para alargar os seus pequenos viveiros e dragar os outros que se apresentam pouco profundos. Para aumentar a produtividade em peixe, introduzirão nos viveiros diversas qualidades de pequenos peixes e pescarão cada tipo de peixe por sua vez. Tem que se criar uma grande quantidade de pequenos peixes variados. As nove brigadas produtoras de cereais têm que empreender projectos de obras hidráulicas para melhorar o solo, e aumentar o rendimento por *mu* de modo a que a comuna se torne, dentro em breve, auto-suficiente em cereais alimentares.

Recordando o passado e olhando para o futuro, os

comuneiros estão convencidos de que, se desejam dominar a natureza, têm que seguir de perto a linha revolucionária, trabalhar arduamente e persistir na luta contra qualquer tipo de ideia que seja incompatível com o socialismo. Agora, na base da sua experiência, sabem que pensar em construir as novas zonas rurais socialistas, sem luta dura e esforços tenazes é como sonhar acordado. Os sucessos são difíceis de obter; o caminho sem dificuldades não existe. Até aqui, tendo persistido em pôr a política do proletariado no posto de comando e trabalhando duramente, transformaram as serranias estéreis em colinas cobertas de árvores e de frutos. Guiados pela linha revolucionária do presidente Mao, estão decididos a continuar a avançar na via socialista, dar contribuições ainda maiores para a edificação socialista da China, e transformar as Colinas Orientais numa região campestre ainda mais bela, ao longo dos anos que vêm.

TATCHAI—BANDEIRA VERMELHA NA AGRICULTURA CHINESA

Por Hsin Houa-wen

UMA MUDANÇA COMPLETA

A brigada de produção de Tatchai erguida da comuna popular do mesmo nome, no distrito de Siyang, província de Chansi, na China do Norte, é uma brilhante bandeira vermelha na frente agrícola do nosso país. A via de Tatchai é a do desenvolvimento da agricultura socialista na China indicada pelo nosso grande dirigente o presidente Mao.

Desde que o presidente Mao lançou em 1964 o grande apelo: **«Que a agricultura tome como exemplo a brigada de produção de Tatchai»**, nomeadamente depois do desencadear da Grande Revolução Cultural Proletária, Tatchai, aldeia situada no massiço de Taihang, atrai a atenção de todo o país. Os amigos estrangeiros de inúmeros países vêm também visitá-la. O actual movimento de massas para seguir o exemplo de Tatchai desenvolve-se em amplitude e em profundidade, nas vastas regiões rurais, nas regiões montanhosas assim como nas planícies, no Sul como no Norte, nas regiões agrícolas como de criação de gado, o que faz progredir rapidamente a nossa agricultura socialista.

A brigada de produção de Tatchai tem actualmente

83 lares constituindo 430 membros. Na antiga sociedade, Tatchai era uma pequena aldeia montanhosa e pobre, quase isolada do exterior. Dominada por uma alta montanha completamente coberta de pedras, era atingida pelas calamidades naturais nove em cada dez anos. A aldeia encontrava-se num estado de extrema miséria: as terras que não contavam mais de 800 *mu* ⁽¹⁾ estavam divididas em mais de 4700 pedaços dispersos nas ravinas e sobre as encostas. Estas terras pobres, por outro lado afectadas por uma séria erosão, não produziam mais do que 100 libras de cereais por *mu*, e 60 por cento pertenciam a um latifundiário e a três famílias de camponeses ricos. Os camponeses pobres e os camponeses médios, representavam 80 por cento da população da aldeia, os assalariados agrícolas trabalhavam sem descanso para os latifundiários e camponeses ricos e eram cruelmente explorados e oprimidos vivendo numa negra miséria. Muitos deles viam-se obrigados a ter de vender os seus próprios filhos.

Durante os vinte e tantos anos que se seguiram à Libertação, os camponeses pobres e semipobres, à luz da linha revolucionária proletária do presidente Mao, e avançando na via da colectivização agrícola socialista, lutaram resolutamente contra os inimigos de classe e a concepção milenária da propriedade privada e atacaram os montes desnudados e as ravinas transformando assim a fisionomia de Tatchai completamente. Utilizando a

⁽¹⁾ Um *mu* é igual a 1/15 do hectar.

força colectiva levantaram centenas de muros de sustentação de pedra nos vales e nas encostas; assim, construíram os campos repartidos pelas encostas e conduziram a água da ribeira pelos montes através de irrigação. Procederam a experiências científicas e iniciaram uma importante reforma de técnicas culturais de modo a obterem rendimentos elevados e estáveis na produção agrícola. Depois da criação da cooperativa agrícola de produção, em 1953, a brigada de produção foi atacada 17 em 18 anos pelas calamidades naturais grandes ou pequenas, mas sem terem deixado de aumentar todos os anos a sua produção. A silvicultura, a criação de gado e as produções subsidiárias conheceram um grande desenvolvimento. Mais de 40 000 árvores de fruto e outras foram plantadas nos agrestes montes. O número de animais de carga de uma dezena passou para mais de noventa cabeças.

O nível de mecanização e de semimecanização elevou-se rapidamente. A irrigação dos campos, o tratamento dos produtos agrícolas e a trituração das forragens fazem-se através de máquinas electrificadas. O transporte por carros e cabos aéreos substituiu o transporte em varas e animais de carga. O estrume, às toneladas, é transportado na sua maior parte por cabos até aos campos em terraços nas encostas. A construção de base nos campos começou também a adoptar a máquina. No Inverno-Primavera de 1970-1971, os camponeses pobres e semipobres de Tatchai, deram livre curso ao seu ardor revolucionário para o arranjo das terras e dos cursos de água, aplanaram 9 colinas com «buldozers» de modo que as pequenas

parcelas uma vez reunidas formaram uma larga extensão de «planalto artificial». Todos os anos os trabalhos realizados graças à mecanização agrícola equivalem a 60 por cento dos realizados pela mão-de-obra de toda a brigada.

A aldeia tomou um aspecto completamente novo. As grutas pavimentadas de pedra e as casas em andares recentemente construídas e bem alinhadas, substituíram as antigas grutas escavadas na própria terra. Todas as famílias têm iluminação eléctrica e água corrente. Não só a brigada de produção possui importantes quantidades de cereais e fundos de reserva mas cada família tem também o seu depósito no banco e as suas reservas pessoais de grão.

Qual é a razão destas enormes mudanças operadas em Tatchai? Tchen Yong-koueï, secretário da célula do Partido, fez a seguinte observação: «A razão fundamental, é a mudança da ideologia do homem. Essa mudança está na base das mudanças que se produziram nos campos, na técnica, na produção e na aldeia e é devida à assimilação do marxismo, do leninismo e do pensamento maotsétung». Tal como o presidente Mao indicou: **«As ideias justas próprias de uma classe de vanguarda tornam-se uma força material capaz de transformar a sociedade e o mundo, desde que penetrem nas massas».**

À luz da linha revolucionária proletária do presidente Mao e sob a direcção da célula do Partido, algumas centenas de camponeses pobres e semipobres e outros membros da comuna popular de Tatchai, autores de tantas realizações invulgaes e que testemunham tanto

heroísmo, ousaram colocar a política proletária em primeiro plano e pôr o pensamento maotsétung no posto de comando. Adquiriram o espírito de contar com as suas próprias forças e de lutar arduamente e o estilo comunista de amar o Estado e a colectividade; foi assim que puderam prestar grandes contributos à revolução e à edificação socialistas.

AVANÇAR VITORIOSAMENTE NA VIA DO SOCIALISMO

A história de Tatchai durante mais de duas décadas depois da Libertação, é a história de uma brigada de produção avançando vitoriosamente na via da colectivização socialista, no meio de luta renhida entre o proletariado e a burguesia, entre a via socialista e a via capitalista. A célula do Partido de Tatchai, tem por secretário o camarada Tchen Yong-koueï que se encarregou de armar os quadros e os membros da comuna popular com o marxismo, o leninismo e o pensamento maotsétung, alcançou vitórias sobre vitórias na luta inflexível contra Liou Chao-chi, renegado, agente do inimigo e traidor à classe operária, contra os seus agentes locais e um punhado de inimigos de classe, os latifundiários e os camponeses ricos não reeducados.

Depois da reforma agrária, quando os camponeses de Tatchai, em resposta ao apelo do presidente Mao: **«Organizai-vos»** criaram sob a direcção do camarada Tchen Yong-koueï um grupo de entreajuda, primeiro passo para a colectivização socialista, os latifundiários

e os camponeses ricos não se resignaram à sua derrota, tentando arrastar Tatchai para a via errada do capitalismo sob a capa do regresso à exploração individual na agricultura e prevendo a derrota inevitável dos grupos de entreajuda. Os camponeses pobres e semipobres desencadearam então, por um lado uma luta contra o inimigo de classe pelos seus actos de sabotagem, e por outro organizaram activamente um grupo de entreajuda. Este, sob a direcção de Tchen Yong-kouei, era composto de quatro velhos camponeses, os mais pobres da aldeia, cinco jovens órfãos descendentes das famílias de camponeses pobres. Com esta fraca mão-de-obra e com meios de produção muito restritos, o grupo de entreajuda desde o primeiro ano da sua fundação, obteve uma boa recolha e a sua produção de cereais ultrapassou a das famílias não organizadas. Foi um golpe aplicado ao inimigo de classe e uma lição para os aldeões. Depressa outras 49 famílias se organizaram em grupos de entreajuda.

Em 1952, os camponeses de Tatchai, seguindo a via do socialismo indicada pelo grande dirigente, o presidente Mao, projectaram erguer na base do grupo de entreajuda, uma cooperativa de produção agrícola com a propriedade colectiva das terras. Mas, Liou Chao-chi e seus acólitos acusaram estas aspirações de «utopia do socialismo agrícola» e pregaram, ao contrário, a impotência revisionista contra-revolucionária assegurando que a cooperativa de produção agrícola deveria vir depois da mecanização agrícola. A célula do Partido de Tatchai, com Tchen Yong-kouei como secretário, rejeitou-a firmemente e criou em 1953 uma cooperativa

de produção agrícola respondendo às aspirações dos camponeses pobres e semipobres. No primeiro ano que se seguiu à fundação da cooperativa, o rendimento dos cereais atingiu 240 libras por *mu*, isto é, um aumento de 50 por cento em relação ao rendimento da exploração individual. Em 1958, apoiando-se na cooperativa, os camponeses ergueram uma comuna popular da qual Tatchai é uma brigada de produção. Encorajados pela linha geral da edificação socialista definida pelo presidente Mao, os camponeses animados dum transbordante espírito revolucionário, removeram montanhas e ravinas e aplicaram os métodos científicos nas culturas, donde provieram novos aumentos do rendimento dos cereais. Os camponeses, assim como todos os membros da comuna popular, divulgaram os seus bons resultados como sendo a vitória da via da colectivização indicada pelo presidente Mao.

Em 1961, Liou Chao-chi e seus acólitos, aproveitando as graves calamidades naturais da China, tentaram fazer passar sinistras receitas como o **san-zi-yi-bao** ⁽¹⁾, na vã tentativa de minar a economia colectiva e de restaurar o capitalismo. Um responsável do distrito de Siyang, comprometido com via capitalista entrou para a comuna popular para exortar à exploração individual e à abertura dos mercados livres. Incitou também os inimigos de classe à especulação sobre produtos agrícolas.

(1) Desenvolver os mercados livres, abrir parcelas individuais para uso privado, aumentar o número das pequenas empresas com total responsabilidade das suas perdas e lucros, fixar normas de produção baseadas na família.

No decurso desta luta, a célula do Partido de Tatchai, seguindo este grande ensinamento do presidente Mao: **«Só o socialismo pode salvar a China»** e as suas directivas sobre a consolidação da economia colectiva, encorajou os camponeses pobres a evocar os sofrimentos do passado e apreciar por comparação a felicidade de hoje. Propagou numa vasta escala o socialismo, criticou o capitalismo e desmascarou os inimigos de classe que visavam sabotar a economia colectiva e restaurar o capitalismo. Procedendo assim defendeu firmemente a causa da colectivização socialista.

Uma vez, uma brigada de produção ofereceu-se para comprar a elevado preço o excesso de palha de Tatchai. A célula do Partido aproveitou esta ocasião para organizar um debate sobre o seguinte tema: **«Como devemos agir quando uma brigada de produção irmã está em dificuldades?»** Os camponeses denunciaram violentamente os actos criminosos cometidos, antes da Libertação pelos latifundiários, camponeses ricos e comerciantes especuladores que aproveitando os anos de fome e de miséria para elevar o preço dos cereais, exploraram impiedosamente o povo miserável e forçaram os camponeses a vender os seus filhos. A brigada declarou que não deviam tirar elevado lucro da venda; decidiram, então, por unanimidade vender o seu excesso de palha a outras brigadas segundo o preço fixado pelo Estado. Além desta iniciativa própria venderam 240 000 libras de excesso de grão ao Estado, ultrapassando a norma fixada pelo plano estatal. Por outro lado emprestaram uma parte do seu grão de reserva às brigadas de produção irmãs em dificuldades, para assim as pode-

rem ajudar a consolidar e a desenvolver a sua economia socialista colectiva. Mostraram assim o estilo comunista de Tatchai que é o de amar a pátria e a colectividade.

Em 1964, o presidente Mao lançou o grande apelo: **«Que a agricultura tome como exemplo a brigada de produção de Tatchai»** que encorajou grandemente os camponeses de Tatchai; mas Liou Chao-chi e seus lacaios que consagravam um ódio selvagem a Tatchai, essa bandeira vermelha, essa unidade de vanguarda firmemente empenhada na via socialista, fizeram correr o boato que **«o mastro dessa bandeira tinha apodrecido»**. Enviaram uma equipa de trabalho a Tatchai **«inspeccionar o trabalho»** na vã tentativa de abater essa bandeira vermelha.

Em conluio estreito com os latifundiários e os camponeses ricos locais, depois de penetrar na aldeia, a equipa atribuiu uma série de **«crimes»** à célula do Partido, lançando ataques contra ela e contra o seu secretário Tchen Yong-kouei e proibiu que continuasse a dirigi-la. Procuraram por todos os meios encontrar pretextos que servissem para desagregar a célula do Partido, dificultando-lhe as medidas dos terrenos, examinando a contabilidade, fazendo o balanço das reservas, verificando o rendimento dos membros da comuna. No entanto, os camponeses de Tatchai, estreitamente unidos à volta da célula do Partido, travaram uma luta cerrada contra a equipa de trabalho. Refutaram com provas todos os **«crimes»** fabricados por esta; o seu responsável ficou confuso quando Tchen Yong-kouei e as massas lhe perguntaram severamente qual a linha polí-

tica que prosseguia. Finalmente, a equipa de trabalho deixou Tatchai de orelhas caídas. No decurso destas polémicas, os camponeses de Tatchai elevaram mais o seu nível de consciência no que diz respeito à luta de classes, e à luta entre as duas linhas.

Durante a Grande Revolução Cultural Proletária, Tchen Yong-kouei, secretário da célula do Partido, conduziu as massas na revolta contra os responsáveis do Comité do Partido do distrito de Siyang enfeudados ao capitalismo, e na crítica à linha revisionista contra-revolucionária de Liou-Chao-chi e seus acólitos. Isto permitiu à brigada de produção de Tatchai seguir em frente graças à linha revolucionária indicada pelo presidente Mao e conquistar novas contribuições para a edificação de um novo campo, socialista.

EDIFICAR UM NOVO CAMPO SOCIALISTA PELOS SEUS PRÓPRIOS MEIOS

Na época em que os camponeses estavam organizados em cooperativas agrícolas de produção, as suas terras, 800 *mu*, estavam divididas em 4700 parcelas dispersas nas ravinas, nos cumes das montanhas e nas encostas. Como meios de produção, só alguns animais de carga e um reduzido número de charruas, picaretas, pás, cestos grandes e varas. Não contavam com mais de cinquenta homens e mulheres disponíveis para os grandes trabalhos agrícolas.

A colectivização socialista forneceu a Tatchai as condições favoráveis à transformação do seu estado atra-

sado. A seguinte questão foi posta em discussão à célula do partido e perante os camponeses: «Como transformar as terras áridas em campos férteis, e uma aldeia de montanha ainda atrasada numa nova aldeia próspera, socialista, e isto num breve espaço de tempo, contando com os seus próprios meios nas actuais condições difíceis». A maior parte dos camponeses mostrou uma grande confiança na edificação de Tatchai pelas suas próprias forças. Um pequeno número entre eles propos pedir um empréstimo ao Estado.

Tchen Yong-kouei e os camponeses disseram: «Para fazer a revolução devemos contar com as nossas próprias forças e nunca nos apoiarmos nos outros», «O Estado pertence-nos, se contarmos com o Estado, com quem vai ele contar por sua vez?» Encorajados pela célula do Partido, os membros da comuna popular, conformando-se com as instruções do presidente Mao de «**Contar com as suas próprias forças e lutar arduamente**» elaboraram um plano de dez anos para transformar a natureza e dispor os campos em terraços.

Desde o primeiro Inverno depois do lançamento da cooperativa agrícola, a célula do Partido de Tatchai dirigiu as massas na luta pela transformação da natureza. Apesar do frio cortante, os camponeses estavam ensopados em suor. Extraíram as pedras com a ajuda de martelos e picaretas e só num mês e meio acabaram por construir na ravina vinte muros de sustentação de diferentes alturas. Transportavam nos baldes suspensos em varas terra boa para encher o espaço situado atrás dos muros e assim arranjaram os campos. Este primeiro resultado fez brilhar nos olhos de

todos a força desta política de contar com as suas próprias forças. Trabalharam vários invernos seguidos, transformando assim as ravinas uma após outra. O que merece uma atenção particular, é o heroísmo revolucionário, comparável ao do velho Yukong, demonstrado pelos camponeses de Tatchai, no arranjo da ravina Langwotchang, a maior da aldeia, medindo 3 lis (1) de comprimento, mais de 6 metros de largura, e com um grande declive. No Inverno de 1955, os camponeses, à custa do seu próprio suor, construíram 38 muros de sustentação, transportando muitas dezenas de milhões de metros cúbicos de terra para o arranjo dos seus campos em terraços. No Verão seguinte, uma chuva torrencial e cheias de torrentes de montanha levaram tudo, os muros, a terra e mesmo as culturas. No Inverno seguinte os nossos heróis reconstruíram os muros, mas desta vez mais espessos, com alicerces mais profundos e blocos de pedra mais grossos. Para se prevenirem das cheias de torrentes de montanha, construíram um pequeno reservatório na parte alta da ravina. Ah! no verão de 1957, desencadeou-se ainda uma forte tempestade, as torrentes arrastaram todas as barragens.

Nesta altura, os latifundiários e os camponeses ricos aproveitaram a ocasião para lançar o seu ataque. Clamavam: «Como poderá o homem vencer o Deus Dragão!» Mas Tchen Yong-kouei, que no antigo regime tinha estado durante vinte anos como trabalhador agrícola ao serviço de latifundiários, refutou resolutamente

(1) Um li é igual a 500 m.

as balelas divulgadas pelos inimigos de classe. Encorajou os seus homens pondo à sua consideração o seguinte pensamento: «O factor decisivo, é o homem e não o material», o que os levou a compreender que o povo revolucionário pode vencer a natureza, logo que compreenda as leis objectivas e empregue o seu ardor revolucionário.

Juntamente com os camponeses resumiu conscienciosamente as suas experiências, analisou com minúcia as razões do seu insucesso. Depois de uma grande discussão, toda a aldeia por unanimidade exigiu «travar uma terceira batalha na ravina Langwotchang», «obrigar as cheias a recuar». Não consideravam isso como uma simples luta contra a natureza, mas também contra os inimigos de classe.

Os trabalhos tornavam-se cada vez mais árduos. Para amortecer a queda das águas de escoamento, os muros de sustentação foram construídos em forma circular, o número de degraus de escadas foi aumentado, os alicerces construídos ainda a maior profundidade, e foram escolhidos blocos de pedra ainda maiores. Finalmente, colocávamos uma pasta de cal entre as pedras para aumentar a solidez dos muros. Em pleno Inverno, quando o frio penetra até à medula, Tchen Yong-kouei, à cabeça dos membros do Partido e dos quadros, estava também à frente dos trabalhos mais pesados. Todos os dias antes do romper da aurora, Kia Kin-tsai, velho membro do Partido e camponês pobre dirigiu-se para a montanha para daí extrair os blocos de pedra com um martelo de quase 40 libras. Quando as fortes marteladas lhe gretavam as mãos

não deixava de trabalhar com o mesmo afinco. Foi graças aos seus esforços que se extraíram rochas de 500 libras de peso.

Os actos exemplares dos membros do Partido e dos camponeses encorajaram as massas. Todas as mulheres e estudantes da aldeia vieram tomar parte na batalha para dominar Langwotchang. Participaram famílias inteiras. Depois de 27 dias de luta encarniçada, os trabalhos foram concluídos três dias antes do prazo. Os trabalhadores ergueram 44 muros de sustentação em forma circular e deslocaram dezenas de milhar de metros cúbicos de terra para conseguir 44 campos em terraços. Os seus trabalhos resistiram às maiores chuvas e torrentes de montanha e essas terras dão hoje os maiores rendimentos de Tatchai.

Dez anos de esforços permitiram aos habitantes de Tatchai construir 228 muros de sustentação em pedra, de diferentes dimensões, em 250 000 dias de trabalho. As 4700 parcelas estavam transformadas em 1800 campos.

Através do transporte da terra nova aos campos, da lavragem em profundidade e da larga utilização dos adubos orgânicos, conseguiram cobrir todos os campos com uma camada de terra fértil de cerca de meio metro, o que permite resistir à seca e à estagnação de águas e assegurar rendimentos estáveis e elevados.

A EDUCAÇÃO DOS CAMPONESES PELO MARXISMO, O LENINISMO, E O PENSAMENTO MAOTSÉTUNG

Uma experiência fundamental de Tatchai, bandeira vermelha na frente agrícola da China, consiste em que a célula do Partido procura sempre educar os camponeses no marxismo, no leninismo, e no pensamento maotsétung, dedica uma especial importância à revolucionarização ideológica do homem a fim de permitir aos camponeses romper com o velho conceito da propriedade privada e adquirir o estilo comunista caracterizado pelo amor à pátria e à colectividade e dedicar-se à ideia de cultivar pela revolução. Os camponeses de tipo novo formam-se vigorosamente, educados pela célula do Partido.

As transformações verificadas em Tchao Siao-ho, membro da comuna popular, são um exemplo típico. Na antiga sociedade, guardou carneiros para um latifundiário e foi vendido juntamente com o rebanho num outro distrito. Depois da Libertação, regressou a Tatchai. Em 1953, aderiu à cooperativa agrícola logo após a sua criação. Aí trabalhou activamente e deu provas de um amor ardente pela colectividade. Uma vez, foi com uma carroça à cidade do distrito para renovar peças de aço laminado, mas tirou uma a mais. «Será preciso devolvê-la? dizia ele. O Estado possui muitas, uma ou duas a menos, que diferença lhe faz?» Mas a célula do Partido prestou uma grande atenção a este incidente e ajudou Tchao Siao-ho a estudar o artigo do presidente Mao: «Servir o Povo». Fez-lhe

compreender pacientemente que era preciso não só amar a pequena colectividade de que ele fazia directamente parte, mas sobretudo a grande colectividade, isto é, o nosso país socialista. Tchao Siao-ho deu conta do seu erro e restituiu a peça de aço na cidade do distrito.

Formado no marxismo, no leninismo, e no pensamento maotsétung, Tchao Siao-ho tornou-se um bom membro da comuna popular que se distingue pela sua dedicação à colectividade. Num dia de Outono, quando trazia a recolha de trigo, conduzindo os cavalos e mulas, uma feriu uma perna na borda de um precipício. Para salvaguardar o bem da colectividade, lançou-se diante da mula para a impedir de cair pela ravina. A mula salvou-se, mas ele ficou gravemente ferido. Uma vez restabelecido, conduziu a carroça para a brigada; Trabalhava frequentemente sozinho em vez de acompanhado como é habitual. Dizia: «É preciso dedicarmo-nos de corpo e alma à revolução. Se temermos a morte e as privações, traímos o pensamento do presidente Mao».

A célula do Partido de Tatchai usa diversos meios para educar incessantemente as massas no marxismo, no leninismo e no pensamento maotsétung, tal como o fez com Tchao Siao-ho; transforma assim os simples camponeses em novos camponeses, socialistas, que amam o Estado e a colectividade, têm a pátria no coração e o mundo por horizonte e têm a consciência que cultivam pela revolução.

Os membros da comuna popular de Tatchai bastam-se amplamente em cereais, no entanto comem por

vezes pão de milho misturado de sêmea, isto para não esquecerem a antiga sociedade e os trabalhadores do mundo que ainda não estão libertados do jugo cruel da exploração. O jovem Li Yeou-lou tornou-se com a melhoria das suas condições de vida, pouco poupado. Para educar este e outros jovens, a célula do Partido reuniu-os debaixo de um grande salgueiro, e convidou Tchen Yong-kouei a contar-lhes a história amarga da família de Li-Yeou-lou. Esse salgueiro era utilizado antigamente pelos latifundiários para prender e torturar os pobres, chamávamos-lhe «árvore dos miseráveis». Os pobres de outrora, não encontrando que comer, eram obrigados a entregar-se à mendicância. Uma vez a mãe de Li apanhou um monte de espigas na berma dum campo. O latifundiário afirmava que ela as tinha roubado do campo, suspendeu-a no salgueiro e bateu-lhe durante toda a noite. Morreu poucos instantes depois de a terem descido. Tchen Yong-kouei recomenda aos jovens que nunca se esqueçam do passado e que se lembrem todos os dias das amplas massas de trabalhadores que sofrem hoje no mundo. Li Yeou-lou e os outros jovens receberam assim uma lição cheia de ensinamentos. Em consequência Li mudou, deu provas de um grande ardor no trabalho e leva uma vida simples. É apontado como um estudante fervoroso das obras do presidente Mao.

Alguns anos de edificação permitiram aos membros da comuna popular mobilar as novas habitações, enquanto conservavam algumas grutas danificadas. Arranjaram os terrenos e as ravinas mas guardaram no seu estado original um certo pedaço de terra e uma secção de

ravina, a fim de servir de matéria de ensino para as gerações seguintes. Dizem que é preciso mostrar aos jovens através de que esforços sobre-humanos foram arranjados estes campos em terraços e estas ravinas. Os habitantes de Tatchai ligam o seu trabalho quotidiano à revolução e à edificação socialistas do país e à causa da revolução dos povos do mundo. Educados pelo pensamento maotsétung as suas ideias abrem-se num horizonte sempre mais vasto.

Nos momentos cruciais da luta de classes, a célula do Partido de Tatchai educa o homem à luz do marxismo, do leninismo, e do pensamento maotsétung. Age assim durante o trabalho, na vida quotidiana e face às sérias calamidades naturais.

Em 1963, Tatchai conheceu uma muito dura experiência. Em Agosto, uma chuva torrencial que durou sete dias e sete noites, e as grandes inundações, como já não havia há cem anos, destruíram todos os muros de sustentação, isto é — uma centena — excepto os de Langwotchang. Devastaram 139 *mu* de terra, arrastando as culturas sobre 41 *mu*, e arrasaram 80 por cento das casas. Foi um desastre para Tatchai.

As massas sofriam ao verem os frutos que tantos esforços lhes tinham custado serem cruelmente destruídos. Tchen Yong-kouei que estava numa reunião do distrito, ficou muito preocupado assim que teve conhecimento desta lamentável notícia. No entanto, graças à longa prática de luta, acreditando na direcção clarividente do nosso grande dirigente, o presidente Mao, e no Partido Comunista, na força da colectividade e no ardor revolucionário dos camponeses, não

havia nenhuma dificuldade que não pudesse superar. Quando regressou, perguntou sem inquietação: «Como estão os nossos homens?» Responderam-lhe numa só voz: «Toda a gente está salva, o gado também e a maior parte dos cereais foi salva». E Tchen Yong-kouei acrescenta: «As pessoas estão bem, isso é o que interessa. Pensem, na antiga sociedade esta calamidade teria morto uma centena de pessoas, e aqueles que escapassem eram obrigados a abandonar a sua família para irem mendigar noutro lugar. E agora, apesar de uma tal catástrofe, não temos mortes e ninguém precisa de abandonar a aldeia para mendigar nem vender os seus filhos. Foi o homem que lavrou os campos e construiu as casas; logo que haja homens, tudo se pode conseguir. Tal como disse o presidente Mao, uma coisa má pode-se transformar numa coisa boa. Os campos foram inundados, nós arranjámo-los o melhor possível; as casas foram destruídas, construímo-las de novo; a edificação de Tatchai será agora melhor!» Estas palavras vivem-nas entusiasmados todos os aldeões.

Em seguida, a célula organizou para os quadros e as massas um estudo extraído do brilhante texto do presidente Mao, «Como Yukong removeu as montanhas» e dos seus ensinamentos **«Contar com as suas próprias forças e lutar arduamente»** e **«Uma coisa má pode transformar-se numa coisa boa»**, assim como uma discussão para saber se, diante desta calamidade natural, devemos aceitar passivamente os socorros do Estado ou contar activamente com as forças da colectividade, tendo em vista edificar um Tatchai novo,

e qual a forma de agir mais benéfica para o Estado e para Tatchai.

Os membros da comuna popular, depositavam uma grande força no estudo dos ensinamentos do presidente Mao. Alguns diziam que apesar das grandes dificuldades presentes, tinham no entanto alguns factores a seu favor: a sua brigada de produção possuía grão de reserva e fundos de acumulação. Outros diziam que as dificuldades revestiam-se de um duplo carácter: impunham as privações, mas ao mesmo tempo consolidavam a vontade revolucionária, o que é particularmente importante para a nova geração.

Dedicavam muitas noites ao estudo e à discussão, faziam convergir os seus pensamentos num mesmo objectivo à luz do pensamento maotsétung. Fizeram valer as numerosas vantagens de contar com as suas próprias forças, avançando com a seguinte palavra de ordem: «Não aceitar dinheiro, nem grão, nem a ajuda material do Estado». A direcção do escalão superior enviou-lhes dinheiro e ajuda material, e uma delegação para lhes exprimir a sua simpatia. Por quatro vezes pediu a Tatchai que aceitasse a ajuda enviada, mas de cada vez a resposta foi: «Dêem-na às brigadas de produção irmãs, nós podemos superar as dificuldades por nós próprios».

Homens e mulheres, novos e velhos, toda a brigada uniu os seus esforços. Reergueram as plantas que a água tombou e plantaram legumes na terra onde a colheita foi levada. Em seguida dividiram-se em grupos para reparar os campos em terraços, acumular o estrume e fazer os tijolos. De dia trabalhavam nos

campos, à noite, à luz das lâmpadas de querosene reconstruíram as suas habitações. Todos se uniram cheios de coragem e alegria.

Este ano, graças aos seus persistentes esforços, obtiveram um rendimento médio de cereais por *mu* que atingiu 740 libras em 560 *mu* de terra atingida pelas calamidades naturais. No que diz respeito aos rendimentos globais dos cereais, a ração dos membros da comuna popular e o volume do grão entregue ao Estado não foram inferiores aos do ano anterior.

Uma vez assimilado o marxismo, o leninismo e o pensamento maotsétung, criam no homem uma força revolucionária irresistível. Em menos de dois anos, em vez dos cinco previstos, os membros da comuna popular com um trabalho árduo, reconstituíram os campos destruídos. Mais tarde, em quatro anos, edificaram — elevando ainda mais a qualidade do trabalho — as grutas de pedra e as casas de madeira cuja construção, conforme o plano inicial, necessitavam de uma dezena de anos. Em 1968, apesar de uma queda de granizo de extrema violência e como é raro ver, que se abateu sobre 700 *mu* de culturas de outono, Tatchai obteve mesmo assim uma boa colheita.

Tendo saído vitoriosos da luta contra as graves calamidades naturais, os homens de Tatchai compreenderam melhor esta verdade lançada pelo presidente Mao: uma força espiritual pode-se transformar numa força material; uma coisa má pode-se transformar numa boa; e o factor decisivo é o homem e não o material.

Tchen Yong-kouei disse: «Depois da cruel catástrofe de 1963, o antigo Tatchai é agora um novo Tatchai,

as grutas e as habitações arruinadas transformaram-se em grutas de pedra e casas com andares. Depois da extraordinária saraiva de 1968, adquirimos novas experiências sobre a grande transformação do milho-miúdo e a reforma dos métodos culturais. Uma vez assimilado o marxismo, o leninismo e o pensamento maotsetung, Tatchai aparece-nos com um aspecto completamente novo, apesar das grandes calamidades que se abateram.

Todos os membros da comuna popular, educados à luz do marxismo, do leninismo e do pensamento maotsetung, e os membros dirigentes da célula do Partido de Tatchai prestam uma particular atenção à sua própria revolucionarização ideológica. Estudam assiduamente as obras de Marx, de Lenine e do presidente Mao e persistem na participação no trabalho colectivo. Puseram-se, bem como o seu próprio chefe, sob o controlo das massas, tendo a todo o momento reuniões para a rectificação do estilo de trabalho, escutando os avisos dos membros da comuna e procedendo à auto-crítica na sua presença. O próprio Tchen Yong-kouei, secretário da célula do Partido, persiste no trabalho manual. Por vezes, depois de ter participado nas reuniões fora da aldeia, logo no regresso, vai para os campos trabalhar ao lado dos membros da comuna popular, em vez de voltar para casa ou à sua repartição. É assim que se mantém em estreita ligação com as massas. Sempre conscienciosa na explicação dos ensinamentos do presidente Mao sobre a continuação da revolução sob a ditadura do proletariado, a célula do Partido, pela sua própria revoluciona-

rização ideológica dá o exemplo às massas e incita-as a fazerem o mesmo.

Experimentada pela Grande Revolução Cultural Proletária, a célula do Partido de Tatchai tornou-se ainda mais dinâmica. Sob a sua condução, os camponeses pobres e semipobres seguirão sempre em frente para conquistar as maiores vitórias dentro dos três grandes movimentos revolucionários — a luta de classes, a luta pela produção e a experimentação científica.

Os membros da célula ajudam os quadros e os membros da comuna popular a descobrir os novos aspectos característicos da luta de classes sob a ditadura do proletariado, a elevar a sua consciência quanto à continuação da revolução, alargando assim continuamente o campo do seu pensamento. Na produção, encorajaram sem cessar os seus homens a aprofundar o seu trabalho e estender a sua esfera de acção. Em 1970, a produção cerealífera em Tatchai atingiu 1070 libras por *mu* batendo o anterior recorde. No entanto, criticaram as ideias inspiradas pela suficiência, tais como: «a produção atingiu o seu máximo» e «todas as montanhas foram transformadas». Com a ajuda do conceito dialéctico «um divide-se em dois» procuram as insuficiências em todas as realizações. O seu espírito de persistir na continuação da revolução permitiu-lhes transformar os campos inundados em campos irrigados, as pequenas em grandes parcelas de terra. Ao mesmo tempo, conseguiram implantar a cultura do arroz.

Os quadros de Tatchai esforçam-se por aprender junto das brigadas de produção irmãs, reconhecem

como seus mestres os quadros rurais e os camponeses pobres e semipobres que vêm visitar Tatchai, convidam-nos a falar das suas experiências de vanguarda. Por outro lado enviam os seus homens a estudar nas diferentes localidades. «Nunca devemos parar no caminho da revolução», dizem eles, «a luta para a transformação da concepção do mundo não tem fim», ou então, «examinando o passado, avançamos um passo, examinando o futuro, as nossas realizações não constituem mais que um ponto de partida para a continuação da revolução, e isto será sempre assim».

A EXEMPLO DE TATCHAI, O CAMPO TRANSFORMA-SE

por Tchao Feng-nien

O impetuoso movimento para tirar ensinamentos de Tatchai tornou-se uma poderosa força impulsionadora da revolução e da edificação socialista no campo chinês. Deu origem a profundas modificações no pensamento do povo, assim como na fisionomia das nossas regiões rurais. Hoje em dia, mais de 10 000 comunas populares e brigadas de produção tiveram como origem as unidades de vanguarda do tipo de Tatchai, e também os distritos avançam rapidamente neste objectivo. Em 1971, a China registou uma boa colheita depois de nove anos consecutivos de belas searas.

A produção dos cereais atingiu 492 000 milhões de libras, isto é, um novo aumento relativamente a 1970, ano de abundância. Em todos os campos chineses reina uma atmosfera de dinamismo.

Guiados pela linha revolucionária-proletária do presidente Mao e sob a direcção da célula do Partido, os camponeses de Tatchai colocam a política proletária no posto de comando, assimilam o marxismo, o leni-

nismo e o pensamento maotsétung, seguindo resolutamente a via socialista, aplicando conscienciosamente a política do presidente Mao de contar com as suas próprias forças e lutar arduamente, e de edificar um país e a comuna popular com diligência e economia. Adquiriram o estilo comunista de amar a pátria e a colectividade e o espírito de cultivar a terra pela revolução. Habitando a mais de mil metros de altitude, no maciço de Taihang, desfraldaram um ardor e um espírito criador revolucionário para transformar a natureza pela força da colectividade, fazendo das montanhas desnudadas campos em terraços com rendimento estável e elevado. Deste modo uma aldeia de montanha, sobre, depois da Libertação tornou-se uma aldeia nova, uma aldeia socialista próspera.

Em 1964, o presidente Mao lança o grande apelo «Que a agricultura tome como exemplo a brigada de produção de Tatchai» a todo o país, apelo que indica aos nossos camponeses a via de um desenvolvimento rápido de uma agricultura socialista. De todas as regiões as delegações de quadros rurais e de camponeses pobres e semipobres afluíram sem cessar a Tatchai para visitar a brigada e assimilar as suas experiências, que mais tarde foram popularizadas com sucesso em certas regiões. Durante a Grande Revolução Cultural Proletária, as largas massas criticaram violentamente a linha revisionista contra-revolucionária avançada por Liou Chao-chi, renegado, agente e traidor da classe operária, e seus acólitos, do mesmo modo que as suas actividades criminosas tendentes a entrar e a sabotar o movimento inspirado por Tatchai, o

que teve como resultado travar este novo impulso deste movimento que se estendia rapidamente no país numa escala sem precedentes; e desde então as novas comunas populares e brigadas de produção do tipo Tatchai surgiram incessantemente.

A organização do Partido e o comité revolucionário do distrito de Siyang, onde Tatchai fica situado, consolidavam os corpos dirigentes à escala da comuna popular e da brigada de produção, nos planos ideológico e de organização, no decurso da Grande Revolução Cultural. Insistiam sobre o ponto chave que é o de educar o povo pelo marxismo, o leninismo e o pensamento maotsétung, e ajudaram-no a elevar a sua consciência de classe e o seu desejo de aprender com Tatchai. O movimento tomou um grande desenvolvimento em todo o distrito. O povo aspirava com efeito às grandes realizações. Foi elaborado um plano geral para transformar as montanhas e os cursos de água.

Cinco grandes rios e mais de 1000 ravinas foram praticamente transformadas em três anos, de 1968 a 1970. Os pântanos foram transformados em terras férteis e a maior parte das terras tornaram-se campos de grande rendimento como os de Tatchai. A fisionomia do distrito foi completamente transformada.

A sua produção em cereais ultrapassa a média de 500 libras por *mu*, a de Tatchai e de onze outras brigadas ultrapassa 1000 libras. Siyang tornou-se o primeiro distrito do país do tipo de Tatchai.

No Outono de 1970, a experiência de Siyang foi conhecida através de todo o país, levando a uma nova etapa o movimento de aprendizagem com Tatchai.

PERSISTIR NA EDUCAÇÃO DOS CAMPONESES PELO MARXISMO, O LENINISMO, E O PENSAMENTO MAOTSÉTUNG

A experiência fundamental de Tatchai na edificação de um novo campo socialista consiste no seu elevado esforço para educar os camponeses no marxismo, no leninismo e no pensamento maotsétung.

O movimento atinge grande profundidade e isto verifica-se no facto de os camponeses pobres e semipobres e outros membros da comuna popular assimilarem cada vez mais o marxismo, o leninismo e o pensamento maotsétung; cultivar a terra pela revolução é sem dúvida um acto consciente de centenas de milhões de camponeses.

Uma luta entre as duas vias na agricultura chinesa existiu sempre desde a Libertação. Sob a direcção do Partido e do presidente Mao, os camponeses encaminharam-se para a via da colectivização socialista. No entanto, Liou Chao-chi e seus acólitos esforçaram-se na divulgação por todo o lado da sua mercadoria revisionista, o **san-zi-yi bao** e as «quatro liberdades»⁽¹⁾ pretendendo minar a economia colectiva e conduzir os camponeses na via capitalista. No decurso desta luta encarniçada, a célula do Partido de Tatchai persistia na educação dos camponeses pelo marxismo, o leninismo

⁽¹⁾ As «quatro liberdades» são o empréstimo usurário, o salariado agrícola, a venda e a compra de terrenos e o estabelecimento da empresa privada.

e o pensamento maotsétung e na via socialista. Travou uma luta renhida contra as actividades que visavam a restauração do capitalismo de Liou Chao-Chi e dos seus agentes assim como contra os outros inimigos de classe, tais como os latifundiários e os camponeses ricos locais. É assim que se eleva a consciência da luta de classe e a luta entre as duas linhas dos quadros e dos camponeses pobres e semipobres.

No decurso do movimento, as comunas populares e as brigadas de produção de diferentes locais organizaram regularmente estágios de estudo do pensamento maotsétung de diferentes tipos: ligados à luta de classes, à luta pela produção e pela experimentação científica. Um certo número de comunas criaram agora escolas nocturnas regulares de política e grupos de estudo de filosofia. Os camponeses estudam aí os ensinamentos do presidente Mao sobre a continuação da revolução sob a ditadura do proletariado e sobre o materialismo dialéctico; ao mesmo tempo criticam os disparates revisionistas espalhados por Liou Chao-Chi e outros escroques do mesmo género, elevam a sua consciência de luta de classe, da luta entre as duas linhas e de tudo o que respeita à aplicação da linha revolucionária do presidente Mao, estudam três brilhantes textos do presidente Mao: «Servir o Povo», «Em memória de Norman Béthune» e «Como Yukong removeu as montanhas», criticam a concepção burguesa do mundo de um egoísmo profundo. Os camponeses alargam deste modo o seu horizonte; tornam-se profundamente devotados à colectividade e estão decididos a trazer grandes contributos ao socialismo

e à emancipação da humanidade. Uma geração de novos camponeses socialistas está em formação na China.

No Hounan, no distrito de Hengtong, os numerosos quadros assumem a direcção do estudo das obras de Marx, Lenine e Mao Ttsé-tung. As 5563 equipas de produção do distrito têm estágios de estudo diferentes do pensamento maotsétung, em função de cada situação particular. 98 por cento dessas equipas fundaram escolas nocturnas para estudar política. Os quadros e as massas elevaram sem cessar a sua consciência no cultivo da terra pela revolução. Sob a direcção do comité revolucionário do distrito, as comunas populares e as brigadas de produção empregaram a sua força colectiva, conduziram os cursos de água, cavaram um grande número de tanques e de reservatórios, e construíram uma grande estação de bombagem a turbinas hidráulicas, e isto em dois anos. Presentemente, 75 por cento das terras dão uma boa colheita apesar da seca e das estagnações de água eventuais. Este distrito tornou-se sem dúvida um distrito de vanguarda dentro do movimento de aprendizagem com Tatchai. Em 1970, a produção de cereais ultrapassou 800 libras por *mu* em média, ou seja, o dobro dos rendimentos desde 1965. Na Primavera de 1971, as comunas populares e brigadas de produção do distrito acabaram mais de 7000 obras hidráulicas de pequena e média dimensões. Uma boa colheita de arroz precoce foi obtida em 400 000 *mu* com um aumento de 10 por cento em comparação ao ano anterior.

REVOLUCIONARIZAÇÃO DOS CORPOS DIRIGENTES

A chave para conseguir os êxitos de Tatchai reside na revolucionarização dos corpos dirigentes. No decurso do movimento, os quadros dirigentes nos diferentes escalões aplicaram activamente as directivas do presidente Mao de **«ler e estudar conscienciosamente para utilizar bem o marxismo»** e de **«empreender a educação sob a ligação da ideologia e da linha política»**. Combinaram a prática dos três grandes movimentos revolucionários da luta de classes, da luta pela produção e pela experimentação científica no estudo do marxismo, do leninismo, e do pensamento maotsétung; vão para as equipas de produção trabalhar ao lado dos camponeses e estudar com eles o pensamento maotsétung e efectuar as pesquisas e investigações; tanto a sua ideologia como o seu trabalho revelaram novos progressos.

Os corpos dirigentes de todos os escalões do distrito de Siyang, distrito de vanguarda do tipo de Tatchai, tiveram coragem de insistir sobre a revolucionarização do seu pensamento ao fazerem o balanço das realizações. O Comité do Partido do distrito, por várias vezes empreendeu a rectificação do estilo de trabalho à porta aberta, convidando os camponeses pobres e semipobres e os quadros dos diferentes escalões a manifestar as críticas, a fim de combater o orgulho e a presunção e denunciar as suas dificuldades em seguir o exemplo de Tatchai. Depois de 1970, os quadros conduziram as massas num movimento

para a construção de novas construções hidráulicas. Completaram 356 obras, construíram barragens de um comprimento total de 380 000 metros. Estes trabalhos e os realizados nos três anos anteriores levaram 80 por cento das terras deste distrito, situado sobre o maciço de Taihang, a dar rendimentos elevados e estáveis.

Os quadros dirigentes dos escalões de distrito da província de Anhouei foram às 20 brigadas de produção consideradas como as menos avançadas que se encontram na parte norte de Houaiho, juntaram-se aos quadros e às massas para trabalhar nos campos e tomaram parte num mesmo estágio de estudo do pensamento maotsétung; entregaram-se a uma análise rigorosa das razões do atraso na produção e estimularam a revolução ideológica nos quadros das brigadas de produção. Através do estudo do pensamento maotsétung surgiram das massas mais de 1000 activistas. Num ano, estas 20 brigadas abriram cerca de 140 poços, aumentando os campos irrigados a mais de 27 000 *mu*, efectuando a lavragem em profundidade sobre 18 000 *mu*. Obtiveram uma colheita abundante de cereais e de algodão. A produção dos cereais aumentou 70 por cento.

Os membros dirigentes do comité do Partido do departamento autónomo tibetano de Yuchou sobre o planalto de Tsíngai, na China do Nordeste, entregam-se frequentemente ao trabalho nas regiões de criação de gado, e muito particularmente nas brigadas que têm mais dificuldades. Comem com os pastores debaixo do seu abrigo, habitando e trabalhando em con-

junto, entregam-se de alma e coração. Estudam as obras do presidente Mao com os membros da comuna popular e com os quadros tomando o marxismo, o leninismo e o pensamento maotsétung como guia da sua própria acção, resumem as experiências de vanguarda e desenvolvem o movimento pela tomada do exemplo de Tatchai em todos os departamentos autónomos. O total do gado comum do departamento em 1970 ultrapassou o recorde atingido nos anos precedentes. E em 1971, a criação de gado obteve resultados ainda melhores.

CONTAR COM AS SUAS PRÓPRIAS FORÇAS E LUTAR ARDUAMENTE

O espírito revolucionário de contar com as suas próprias forças e lutar arduamente que anima os camponeses de Tatchai na transformação da natureza encontrou uma larga aplicação.

Do Inverno de 1970 à Primavera de 1971, nos distritos, nas comunas populares e nas brigadas de produção de todas as regiões do país desenvolveu-se um grande movimento para a construção de obras hidráulicas e a edificação de base na agricultura e a transformação dos campos no tipo de Tatchai que dão colheitas elevadas e estáveis. Um plano geral para a transformação da natureza foi estabelecido e diferentes medidas são tomadas consoante os terrenos. Nas planícies do Norte, procederam à lavragem em profundidade, ao melhoramento do solo e ao nivelamento

das terras. Escavaram os poços e construíram os reservatórios de pequena e média dimensões. Nas regiões montanhosas, transformaram os campos em terraços, construíram barragens dividindo em patamares as ravinas para conduzir a água até às montanhas para fins de irrigação. No sul os camponeses transformaram os campos de fraco rendimento, aumentando a superfície dos arrozais e elevando o grau de utilização do terreno. Nas regiões fronteiriças roubaram terra ao mar, os polders, para aí cultivarem cereais. Neste período, Inverno 1970-Primavera 1971, o número de jornadas de trabalho para a edificação de base da agricultura ultrapassou o recorde atingido depois da Libertação por um período idêntico.

Na construção de obras hidráulicas, os distritos, as comunas populares e as brigadas de produção adoptaram o princípio de contar com as suas próprias forças na construção de obras de pequena e média dimensões. Deram livre curso à iniciativa das massas, fizeram valer plenamente os fundos da economia colectiva e os recursos locais. Assim, as suas construções não necessitaram senão de pequenos investimentos, a construção foi rápida e o início do seu funcionamento começou nesse mesmo ano.

Aplicando o espírito revolucionário de contar com as suas próprias forças e de lutar arduamente, os quadros e os camponeses da comuna popular de Tcheoukia, distrito de Yingkeou, na província de Liaoning, na China do Nordeste, construíram três canais de um comprimento total de 18 quilómetros, contornando cerca de trinta colinas através da comuna popular, e

perto de cem obras hidráulicas que permitem a irrigação de 12 000 *mu*. Tudo isto no curto espaço de tempo de seis meses.

O distrito de Kienyang, na província de Chensi encontra-se numa região de altas planícies, rica em recursos hidráulicos. Contudo, antes da Grande Revolução Cultural, não havia mais do que 0,4 *mu* de terra irrigada por pessoa, o que deu origem às interferências e à sabotagem inspirada pela linha revisionista contra-revolucionária de Liou Chao-Chi, depois do Inverno de 1970, em todo o distrito iniciou-se a educação no respeitante à ideologia e à linha política. As comunas populares e as brigadas de produção criticaram a linha revisionista contra-revolucionária de contar unicamente com os técnicos de hidrologia, organizaram equipas de investigação e de estudo compostas de camponeses pobres e semipobres, de quadros e de técnicos, os quais se entregaram com entusiasmo à revolução e às inovações técnicas. Estas equipas, utilizaram sempre que possível os materiais locais, construíram rapidamente mais de 50 obras hidráulicas de pequena e média dimensões. A superfície irrigada aumentou de 40 000 *mu*, ou seja, o quádruplo das terras irrigadas no decurso dos 17 anos anteriores à Grande Revolução Cultural.

ÍNDICE

Introdução	7
Reportagem sobre Tuntim	15
Nota do editor	17
I. Como nasceu a comuna	19
II. Fusão do poder ao escalão de base com a gestão económica	29
III. O sistema de propriedade a três níveis — a comuna, a brigada de produção e a equipa de produção	34
IV. Economia diversificada	45
V. Os serviços médicos e sanitários em Tuntim	59
VI. As mulheres desempenham o seu papel ...	70
VII. As condições de vida dos comuneiros ...	75
Tatchai—bandeira vermelha na agricultura chinesa	83
Uma mudança completa	85
Avançar vitoriosamente na via do socialismo	89
Edificar um novo campo socialista pelos seus próprios meios	94
A educação dos camponeses pelo marxismo, leninismo e o pensamento maotsétung ...	99
A exemplo de Tatchai o campo transforma-se ...	109
Persistir na educação dos camponeses pelo marxismo, o leninismo e o pensamento maotsétung	112
Revolucionarização dos corpos dirigentes ...	115
Contar com as suas próprias forças e lutar arduamente	117

LIVROS PUBLICADOS PELA EDITORA VENTO DE LESTE

COLECÇÃO CLÁSSICOS

- 1 — Sobre o Partido da Classe Operária — Estaline
- 2 — Cartas de Longe e Teses de Abril — Lenine
- 3 — Anarquismo ou Socialismo? — Estaline
- 4 — Teses sobre a Democracia Burguesia e Ditadura do Proletariado — Lenine
- 5 — Escritos Militares — Lenine
- 6 — O Perigo de Direita, o Desvio de Direita — Estaline
- 7 — Sobre Literatura e Arte — Mao Tsé-tung
- 8 — O 18 Brumário de Luís Bonaparte — Karl Marx
- 9 — Fábrica e Controlo Operário — Lenine
- 10 — A Organização — Lenine
- 11 — Escritos Militares — Marx e Engels

COLECÇÃO MOVIMENTO COMUNISTA INTERNACIONAL

- 1 — História do Partido do Trabalho da Albânia I
- 2 — História do Partido do Trabalho da Albânia II
- 3 — História do Partido do Trabalho da Albânia III
- 4 — História do Partido do Trabalho da Albânia IV
- 5 — História do Partido Comunista (bolchevique) da URSS I
- 6 — História do Partido Comunista (bolchevique) da URSS II
- 7 — Duas Linhas Antagónicas no Movimento Sindical Mundial — Filip Kota
- 8 — Diversos Aspectos da Degenerescência e Desintegração nos Países e Partidos Dominados pelos Revisionistas
- 9 — Os 50 Anos do Partido Comunista da China
- 10 — História do Partido do Trabalho da Coreia — Kim Il Sung
- 11 — Viva a Comuna de Paris?
- 12 — Sobre a Edificação e a Vida do Partido — Textos do P.T.A. — 1.º volume

CADERNOS MARTINS SOARES

- 1 — Chile: Uma Lição para os Revolucionários de todo o Mundo
- 2 — Guia de Agitação e Propaganda

- 3 — Viva a Vitória da Ditadura do Proletariado
- 4 — Uma Grande Desordem sob os Céus
- 5 — Os Revisionistas Soviéticos Restauram o Capitalismo na URSS
- 6 — O Social-Imperialismo e a Guerra
- 7 — A Actual Crise
- 8 — O Social-Imperialismo Revisionista Soviético
- 9 — Viva a Revolução Cultural Proletária — Crítica a Confúcio e Lin Piao

COLECÇÃO AMIZADE PORTUGAL-ALBÂNIA

- 1 — 25 Anos de Lutas e Vitórias na Construção do Socialismo — Enver Hoxha

CADERNOS VENTO DE LESTE

- 1 — Sobre o Estado e as Eleições — Marx e Engels
- 2 — Sobre as Greves e Sindicatos — Lenine
- 3 — Viva o Partido! — Lenine
- 4 — Sobre o Estado e as Eleições — Lenine
- 5 — Viva o 1.º de Maio — Lenine e Estaline
- 6 — Guerra do Povo à Guerra Imperialista — Lenine
- 7 — A Aliança Operário-Camponesa — Lenine
- 8 — Sobre o Projecto de Constituição da URSS — Estaline
- 9 — A Imprensa Operária — Lenine

COLECÇÃO ARTE E CULTURA NOVAS

- 1 — Histórias de Ye Siuan
- 2 — Lutar é a Única Coisa que nos Resta
- 3 — 12 de Outubro Vermelho
- 4 — Contos Laocianos
- 5 — Contos de Jao Yan

COLECÇÃO AMIZADE PORTUGAL-CHINA

- 1 — Constituição da República Popular da China
- 2 — Dez Questões sobre a China
- 3 — Ensaios Filosóficos Escolhidos de Operários, Camponeses e Soldados
- 4 — A Revolução Cultural nas Fábricas Chinesas
- 5 — A Revolução Cultural nos Campos Chineses

FORA DE COLECÇÃO

- 1 — Estaline — Obras — Volume I — 1901-1907

Composto e impresso
na
IMPRETIPO
para
EDITORA VENTO DE LESTE
em Novembro de 1975

20\$00